

REVISTA

EDIÇÃO Nº 118 | ABRIL DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LER

ISSN 2448-1068

ESPECIAL
FERNANDO
PESSOA

**E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA**

Distribuição Gratuita



www.revista

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Fernando Pessoa - Ilustração



6

FERNANDO PESSOA

Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 - Lisboa, 30 de novembro de 1935), foi um escritor, poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, astrólogo [...]

Confira + na **pág. 06**

SAIBA +

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Especial: Fernando Pessoa, pág. 06

Poema: "A Grande Festa", por Sellma Luanny, pág. 10

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 12

O "Banco do fim do mundo", um legado subterrâneo - Pequenas cápsulas de eternidade, por Rob Alme, pág. 13

Poema: A vida e o tempo, por Fauno Mendonça, pág. 17

Jogos infantis, por Flavio Joppert, pág. 19

Poema: Mulheres, essência, escansão, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 24

Dicas para leitura, pág. 25

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 26

Conheça o livro "Os sócios do presidente", do autor Valdemir Leonarde, pág. 31

Poema: Canticum Draconis, por Flavio Joppert, pág. 32

Poema: As peelas, por Clarissa Xavier Machado, pág. 34

Poema: Pescador de namoradas, por Flavio Joppert, pág. 37

Poema: Manifesto do amanhã, por Emerson Pagnussat, pág. 39

Entrevista com Alberto Lacerda, pág. 41

Entrevista com Carlos Eduardo Amaral, pág. 46

Entrevista com Luana de Oliveira, pág. 51

Citações de grandes autores, pág. 56

Conto: "O último crepúsculo", por Roberto Schima, pág. 60

Conto: "Santo de casa faz milagre, sim", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 71

Conto: "O Palhaço", por Idicampos, pág. 76

Conto: "Me veja", por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 81

Conto: "Como um filhote de passarinho", por Simone Bastos Paiva, pág. 85

Conto: "A maldição do destino manifesto", por Valéria Guerra Reiter, pág. 89

Conto: "A história de Amina" - Oitava parte, pág. 96

Colecione, pág. 101

Mídia Kit, pág. 105

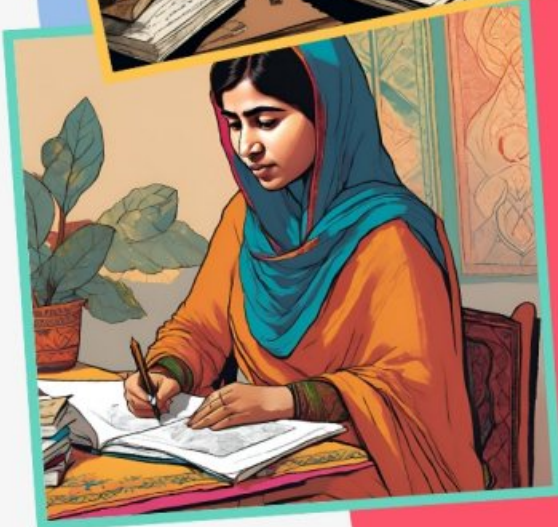
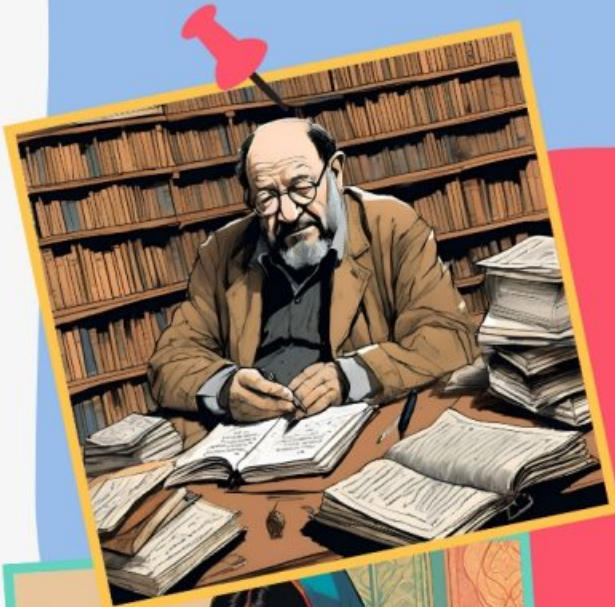
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 106

EDITORIAL

Edição 118 - Abril/2025

Nossa edição de abril acaba de sair do forno e destaca Fernando Pessoa e seus heterônimos. Conheça um pouco mais sobre esse incrível escritor reconhecido mundialmente.

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos para os apaixonados por livros.



Saiba mais

Para saber como participar da nossa edição de maio/2025, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Desejo uma ótima leitura!

Ademir Pascale
Editor-Chefe

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br



“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é
dor
A dor que deveras sente.”
- Fernando Pessoa

Fernando Pessoa

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - ABRIL/2025

POR ADEMIR PASCALE

"Fernando Pessoa interessava-se pelo ocultismo e pelo misticismo, com destaque para a Maçonaria e a RosaCruz [...]"

Pode-se dizer que a vida do poeta foi dedicada a criar e que, de tanto criar, criou outras vidas através dos seus heterônimos

Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 - Lisboa, 30 de novembro de 1935), foi um escritor, poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político português.

Fernando Pessoa é o mais universal poeta português. Por ter sido educado na África do Sul, numa escola católica irlandesa, chegou a ter maior familiaridade com o idioma inglês do que com o português ao escrever os seus primeiros poemas nesse idioma.

Das quatro obras que publicou em vida, três são na língua inglesa e apenas uma em língua portuguesa, intitulada Mensagem. Fernando Pessoa traduziu várias obras em inglês (de Shakespeare até Edgar Allan Poe) para o português, e obras portuguesas (nomeadamente de António Botto e Almada Negreiros) para o inglês.

Enquanto poeta, escreveu sob diversas personalidades (heterônimos), como Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, sendo estes últimos objeto da maior parte dos estudos sobre a sua vida e obra.



Fernando Pessoa

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Fernando Pessoa - Foto Divulgação

OCULTISMO

Fernando Pessoa interessava-se pelo ocultismo e pelo misticismo, com destaque para a Maçonaria e a RosaCruz, havendo inclusive defendido publicamente as organizações iniciáticas no Diário de Lisboa (4 de Fevereiro de 1935), contra ataques por parte da ditadura do Estado Novo. O seu poema hermético mais conhecido e apreciado entre os estudantes de esoterismo intitula-se "No Túmulo de Christian Rosenkreutz". Tinha o hábito de fazer consultas astrológicas para si mesmo (de acordo com a sua certidão de nascimento, nasceu às 15h20, tinha ascendente Escorpião e o Sol em Gêmeos). Realizou mais de mil horóscopos.

*HETERÔNIMOS:

Pode-se dizer que a vida do poeta foi dedicada a criar e que, de tanto criar, criou outras vidas através dos seus heterônimos, o que foi a sua principal característica e motivo de interesse pela sua pessoa, aparentemente muito pacata. Alguns críticos questionam se Pessoa realmente teria transparecido o seu verdadeiro eu ou se tudo não teria passado de um produto, entre tantos, da sua vasta criação. Ao tratar de temas subjetivos e usar a heteronímia, torna-se enigmático ao extremo. Este fato é o que move grande parte das buscas para estudar a sua obra. O poeta e crítico brasileiro Frederico Barbosa declara que Fernando Pessoa foi "o enigma em pessoa". Escreveu sempre, desde o primeiro poema aos sete anos, até ao leito de morte. Importava-se com a intelectualidade do homem, e pode-se dizer que a sua vida foi uma constante divulgação da língua portuguesa: nas próprias palavras do heterônimo Bernardo Soares, "a minha pátria é a língua portuguesa".

O mesmo empenho é patente nesta carta: Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade — Fernando Pessoa, carta a Armando Côrtes-Rodrigues, 19 de janeiro de 1915.

OS HETERÔNIMOS DE FERNANDO PESSOA:

- **Álvaro de Campos**

"Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim."

- **Ricardo Reis**

"Aquele momento em que subimos nossos olhos ao céu pra não deixar cair uma lágrima no chão."

- **Alberto Caeiro**

"Há metafísica bastante em pensar em nada."

- **Bernardo Soares**

"Cada um de nós é um grão de pó que o vento da vida levanta, e depois deixa cair."

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Fernando Pessoa

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Detalhe de uma fotografia de Pessoa na Adega Abel Pereira da Fonseca em 1929. O poeta enviou a fotografia a Ophélia Queiroz com a inscrição "Fernando Pessoa em flagrante delito"

SOBRE SUA MORTE

Fernando Pessoa foi internado no dia 29 de Novembro de 1935, no Hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, com diagnóstico de "cólica hepática" causada por cálculo biliar associado a cirrose hepática, diagnóstico que é hoje contestado por estudos médicos, embora o excessivo consumo de álcool ao longo da sua vida seja consensualmente considerado como um importante fator causal. Faleceu no dia 30 de Novembro, pelas 20h00, com 47 anos de idade. No dia anterior, tinha escrito a sua última frase, em inglês: "I know not what tomorrow will bring" ("Não sei o que o amanhã trará"). O funeral foi realizado em 2 de Dezembro no Cemitério dos Prazeres.



SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã n° 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo", "Contos e Poemas Assombrosos" e outras. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Conheça os eventos da Casa Brasileira de Livros!



/ Casa Brasileira de Livros



@casa.brasileira.de.livros



www.casabrasileiradelivros.com

A GRANDE FESTA

POR SELMA LUANNY

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

A redenção da batalha...
celebração da vitória...
num só ritmo, danças
e cantorias... muitas
caras pintadas e
coloridos penachos.

Naqueles idos tempos,
não se cobria "vergonha"...
às costas azuis, não havia
chegado "vergonha".
Na tez cor de jambo,
a natural pureza...

Nuas e belas, puras e
ingênuas, sob o sol...
pelos seus deuses,
protegidas, as criaturas
das florestas sem fim...
da Terra das Palmeiras.

Naqueles tempos, na terra
a suficiência reinava...
Nhamandú foi criador
e mestre... e os entes
todos, outro não conheciam...
veneravam-no e o temiam.

Os seres do paraíso
amavam-se, procriavam
e com a graça dos
simples, num sonho
a se entender permanente,
em equilíbrio viviam.

Com o seu meio, contentes...
com os seus próximos,
felizes... num harmonioso
e melódico fluir, como
organismo único... pela
Natureza, orquestrado.

Nota: Poema pelo Dia
Nacional dos Povos
Indígenas.



Revista Conexão Literatura

Anne Frank



“Enquanto puderes erguer os olhos para o céu, sem medo, saberás que tens o coração puro, e isto significa felicidade.”

Anne Frank

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS

PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**Joaquim Cândido de
Gouvêa**

Instagram: @joaquimgouvea_



**Casa Brasileira de
Livros**

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de
Paula Leite**

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm




Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha

SABEMOS QUE A LEITURA REVELA NOVOS HORIZONTES, MAS COMO QUASE TODO PROJETO CULTURAL E LITERÁRIO, PRECISAMOS DO SEU APOIO E AGORA VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSE TIME. SAIBA COMO:

clique aqui



O "Banco do Fim do Mundo"
Um Legado Subterrâneo
- Pequenas Cápsulas de
Eternidade -

Por Rob Alme

As sementes

“Na dança da colheita, a mão busca o grão / Soja, café, feijão/ Vão-se embora / Em um trabalho árduo, em um futuro de agora / A semente, o plantio, a colheita / No ventre da terra, a vida se acende / E a mão que planta, colhe e seleciona / É a mesma que alimenta / Isso é o que emociona/ Alimento da vida, a realidade / Sementes/ Fomento da humanidade.” (Alec Moura).

As sementes, de maneira grandiosa, são pequenas cápsulas de vida, que guardam em si a promessa de um futuro pungente. De fato, são espécies de poemas em miniatura, escritos pela natureza em texturas diversas: lisas como pelúcia, rugosas como as dificuldades, em cores que variam do preto ao creme, ou melhor, verdadeiras obras de arte. Além disso, ao toque, revelam-se diferentes sensações, a promessa de uma nova vida pulsando em cada grão. Além do mais, o aroma que exalam evoca florestas exóticas, campos vastos e belos jardins, despertando memórias de frutos doces e sabores perfeitos.

Assim, o sussurro do vento que as espalha é uma melodia que embala o decurso da vida, guiando-as em busca de solo fértil, onde, conseqüentemente, a vida se renova em um ciclo infinito. Além disso, no paladar, a promessa do futuro se concretiza, o alimento que nutre o corpo e acalma a alma. Nesse panorama, as sementes são mais do que meras 'coisas pequeninas', elas são a essência da vida, a esperança de um amanhã mais abundante.

Semeadura: A dança entre a terra e a renovação da vida

Em manhãs frescas, então, a terra fértil convida ao toque. Assim, sementes, joias minúsculas, arremessadas pela mão que cavouca o chão, tornam-se promessas de vida. Em seguida, o corpo se curva, em reverência, e as sementes são depositadas na terra, um gesto de esperança. Logo após, o vento guia, o sol aquece, e a chuva engravida a terra. Dessa forma, a semeadura, é um verdadeiro balé entre terra e esperança.

A colheita: celebração da abundância

(...E cantam, sibilam, cantam!) Sob o dourado do sol da tarde, assim, a colheita se anuncia, enquanto, simultaneamente, aromas doces e terrosos envolvem o ar, e a terra generosa revela seus frutos coloridos. *(...E zunem, estalam, murmuram!)* Ademais, texturas variadas, macias e rugosas, transformam cada fruto em uma obra de arte única, e o peso deles nas mãos é a recompensa tangível do trabalho árduo. *(...E farfalham, cantam, vibram!)* De fato, os sons da colheita, um murmúrio constante, compõem uma melodia de abundância. Além disso, sabores doces, ácidos e crocantes saciam a alma, enquanto o perfume inebriante desperta memórias ancestrais. *(...E bailam, cantam, celebram!)* Nesse embalo, a colheita, um ritual ancestral, celebra a vida em sua plenitude, onde, finalmente, cada fruto é um símbolo de esperança e gratidão, um banquete que nos conecta profundamente com a terra. *(Bendita seja a semente! E cantam, dançam, cantam e aplaudem!).*

De volta a semente: o maravilhoso ciclo da vida

Maravilhosamente, após a semente, pequenina promessa dormente, segue-se para o árduo plantio, onde o suor se mistura ao cheiro terroso do solo revolvido. Em seguida, chega a colheita aguardada, um espetáculo de cores e texturas sob o sol baixando no horizonte, onde então, o saboroso alimento, com seu aroma que recompensa. E pronto e ponto, finalmente, o ciclo abençoado se completa, retornando à promessa da semente.

Admirável banco novo: Cofre Global de Sementes

Diante da nossa vulnerabilidade perante as incertezas do futuro, questionamos o que o amanhã nos reserva e como será o 'depois do depois'. À medida que essas perguntas sobre o ciclo da vida surgiam, emergiu a brilhante ideia de construir, nas terras geladas da ilha de Spitsbergen, em Svalbard, no arquipélago norueguês situado cerca de 1.300 quilômetros ao norte do Círculo Ártico, um local conhecido por suas paisagens extremas, dominadas por geleiras, montanhas e fiordes, oferecendo vistas de tirar o fôlego, abrigando uma variedade de animais selvagens e experimentando fenômenos únicos, como o *sol da meia-noite* no verão, quando o sol nunca se põe, e a *noite polar* no inverno, quando o sol permanece abaixo do horizonte por meses.

Foi nesse lugar, portanto, onde, o sol teima em não nascer durante longos meses, que se ergueu uma fortaleza de concreto e aço, um guardião silencioso de futuras promessas: Svalbard Global Seed Vault, o Cofre Global de Sementes, apelidado de "Banco do Fim do Mundo", a construção localiza-se nas entranhas da montanha, um santuário para a diversidade da vida. Lá dentro, em caixas metálicas, são conservados mais de um milhão de amostras de sementes de todo o mundo.

Milhões de sementes, herança ancestral da agricultura humana. Cada grão, um universo em potencial, carrega a memória de séculos de cultivo, a promessa de colheitas vindouras. Um tesouro inestimável, protegido do caos do mundo exterior. É considerado o maior centro de germoplasma do mundo.

No interior do cofre, o silêncio é reconfortante, quebrado apenas pelo zumbido dos sistemas de refrigeração. As sementes são mantidas a uma temperatura de -18°C, preservando a vida latente. Nesse ambiente as sementes dormem, aguardando o chamado para renascer.

O Banco do Fim do Mundo

O "Banco do Fim do Mundo" é um símbolo da nossa fragilidade diante das catástrofes naturais, guerras, mudanças climáticas ou outros eventos que possam ameaçar a produção de alimentos. O cofre também é um símbolo da nossa resiliência, da nossa capacidade de sonhar e de construir um futuro melhor, uma espécie de 'Arca de Noé', um local onde as sementes, pequenas e frágeis, representam a esperança que teima em brotar, mesmo nos momentos mais atroz.

Inexoravelmente, o "Banco do Fim do Mundo" é um lembrete de que somos parte de um todo, de que a vida é uma teia intrincada, onde cada ponta é essencial, cada detalhe

tem sua importância. Proteger a diversidade da vida é proteger a nós mesmos, é garantir que as futuras gerações tenham a chance de conhecer e conhecer-se.

Nesse sentido, sob o manto gélido de Svalbard, o guardião silencioso mantém sua vigília eterna. De fato, um farol reluzente, sussurrando que, mesmo nos confins do mundo, a vida fortalece seus fios de resistência e perseverança, prometendo que, mesmo no fim do mundo, a vida prepara o caminho para um novo começo.

N.A.: O Cofre Global de Sementes é um símbolo da importância da cooperação internacional, com a colaboração o Fundo Global de Diversidade de Culturas (GCDT) e o Centro Nórdico de Recursos Genéticos (NordGen) antevendo a necessidade de proteger a diversidade genética das plantas cultivadas para as futuras gerações.



(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

A VIDA E O TEMPO

POR FAUNO MENDONÇA



- Quem é você?
 - Eu sou aquele que limita a vida.
 - Desculpe, não entendi. Ninguém é mais importante do que eu. Eu sou a Vida, ninguém pode me limitar. Quer dizer, quase ninguém...
 - Vida, por favor, não seja ingênua e arrogante, afirmo que você sempre dependeu de mim. Seria melhor me dar ouvidos.
 - Não, isso não será possível, sou mais relevante do que tudo que existe, eu sou a Vida e nada pode me deter, somente a dona Morte.
 - Engana-se, sou mais importante do que pensa, afinal você está em mim.
 - Senhor, seja mais claro! Que conversa ruim.
 - Meu nome é Tempo e eu estou em tudo, sou onipresente. Você precisa entender que sua própria vida precisa de mim para ser bem vivida.
 - Estou em você? Bem vivida... Não, isso não é verdade. Apenas te conheço desde criança, mas isso não quer dizer que me submeterei aos seus caprichos. Somente presto e prestarei contas à dona Morte.
 - Entenda, tudo que você fez, faz e fará passou e passará por mim, então acho melhor começar a me observar com outros olhos e dar maior valor à minha presença.
 - Não, eu não preciso de você nem lhe darei essa importância toda. Só presto reverência àquela velha senhora mesquinha e asquerosa, essa sim. Preciso respeitá-la para não ser chamada antecipadamente.
 - Vida, preste atenção, nem a senhora Morte pode me destruir, sou eterno e intocável, mas toda minha força está em você. Sou muito mais poderoso do que imagina, porém, quem me controla é você.
- Naquele instante, a Vida abaixou a cabeça, refletiu, olhou para longe e afirmou:
- Parece contraditório, mas acho que tem razão.
 - Sim, eu tenho. Você precisa me conhecer, ouvir e me respeitar um pouco mais para enxergar melhor. Faça isso, será fundamental até para que não tema tanto a senhora Morte.
- A Vida concordou com os olhos e manteve o silêncio.

SOBRE FAUNO MENDONÇA:

brasileiro, nascido em agosto de 1968, foi advogado e atualmente trabalha no Poder judiciário. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Bragof", "D. e o Procurador", "Encontre-se" e "Ao Norte do Silêncio".

Site: www.fauenomendonca.com





SEU ANÚNCIO AQUI

CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3



por
Flavio
Joppert

JOGOS INFANTIS

(Jogos de Azar)



JOGO DA VELHA

Por exemplo: o Jogo da Velha é jogado fazendo um #, e preenchendo com O e X, quando não se consegue alinhar na longitudinal, trans, ou horizontal em 3, aí dá VELHA.

DAMA

A Dama é jogada com pedras brancas e pretas. Num tabuleiro de Xadrez. Joga-se pulando carniça com as pedras. Quando uma pedra chega no limite do outro lado do campo adversário, se coloca uma sobre a outra, e aí se tem uma DAMA.

PULAR CARNIÇA

É um jogo onde uma pessoa brinca com a outra de passar por cima dela.



DOMINÓ

O Dominó é jogado com peças numeradas, de um a seis, que possuem a função de fazer uma trena juntando um número com o outro. No jogo existem carrilhões. Quem possuir o carrilhão maior inicia o jogo, Os carrilhões em questão, não são os mesmo que chamam para os jogos vorazes.

JOGO DE DADOS

Dados são cubos equiláteros que possuem numeração em seus lados, são numerados de 1 a 6. Quando se joga pode sair um 4, ai você dá de 4, mas se sair um 2 você só perde o jogo para quem deu 1, porque você deu um 2.

BARATA VOA

Barata voa é um jogo que se joga segurando mas mãos uns dos outros com um beliscão, é repetido o nome de bichos que podem voar. Quando o bicho não voa, o jogo continua. Quando se diz o nome de um bicho que está nas alturas, é “um barata” voa e o jogo acaba.

PAPEL, PEDRA, E TESOURA

Esse jogo é jogado entre duas pessoas, elas fazem com os dedos uma tesoura, e com a mão um papel, e uma pedra. O papel embrulha a pedra, a tesoura corta o papel, mas se der pedra e tesoura sua tesoura não corta o papel de mais ninguém.



FORÇA

Esse jogo não é muito atrativo para militares, ele é jogado dizendo coisas, se a coisa dita não for a mesma do que a palavra mágica, vai colocando os membros da pessoa na força. Se não conseguir acertar, e disser todos os erros: é força, e o jogo acaba.

Podem haver outros jogos como Banco Imobiliário, Autorama, Cabra Cega, Ladrões no Bosque, Batalha Naval, Bola de Gude, Ping Pong, Futebol de Botão, Baralho, Buraco, Poker, e Mata Burro, etc. Muitos são educativos, existem lojas especializadas em jogos educativos. São os preferidos de quem deseja dar uma boa educação para as crianças e para os filhos.



Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS SOBRE O ALÉM

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

CONTOS E POEMAS SOBRE O ALÉM

SELO CONEXÃO LITERATURA

E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

GILMAR, UMA VIDA EM LETRAS



Gilmar Duarte Rocha

Gilmar Duarte Rocha, baiano de Jitaúna, é escritor, engenheiro de sistemas e economista. Desde cedo dedica-se à arte e à literatura, tendo publicado contos, artigos e ensaios em periódicos estudantis durante a juventude. No período de vida corporativa, onde trabalhou em bancos e órgãos públicos, apesar de não se envolver diretamente no meio literário, leu muito e escreveu farto material, grande parte ainda inédito. Retornou efetivamente ao mundo das letras em 2005, com a publicação do romance "Um morto na minha cama". Desde então o autor não parou mais de publicar, sejam contos, artigos e crônicas para jornais e revistas e livros de ficção e obra de impressões de viagem.

Gilmar é membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico-DF e diretor da ANE-Associação Nacional de Escritores.

LIVROS PUBLICADOS:

- 1987 - O papel dos judeus na formação da economia brasileira - Ensaio
- 2005 - Um morto na minha cama - Romance
- 2009 - Caminhos sombrios; tochas ardentes - Novelas
- 2011 - O retrato de Píer Alcoforado - Romance
- 2013 - Um morto na minha cama - versão estendida - Romance
- 2015 - A mais branca sombra do pálido - Romance
- 2016 - Dead man on my bed - Romance - Inglês
- 2017 - Up & in New York - Apontamentos de Viagem - Diário de viagem
- 2018 - Dúplice - Romance
- 2019 - O berço de Judas - Romance
- 2020 - Cabeças cortadas - Romance
- 2021 - O mistério da afogada da lagoa Rodrigo de Freitas - Romance
- 2022 - O abençoado - Romance
- 2023 - Viajantes do poliverso - Ficção fantástica
- 2024 - Correspondências do fim do mundo - Romance

SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR:

Instagram: www.instagram.com/gilmarduarterochoa

Site: www.gilmarduarterochoa.com.br

MULHERES, ESSÊNCIA, ESCANSÃO

Por Mirian Menezes de Oliveira

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Desconfio que mulheres são poesias
de rimas complexas, porém perfeitas...
Arranjadas métricas de ousadia;
mulheres-estrofes de alma refeitas!

Seus versos “do real” e da fantasia
são frases, cujas rimas são insuspeitas.
Mulheres são poemas de valentia...
Composições para as quais não há receitas.

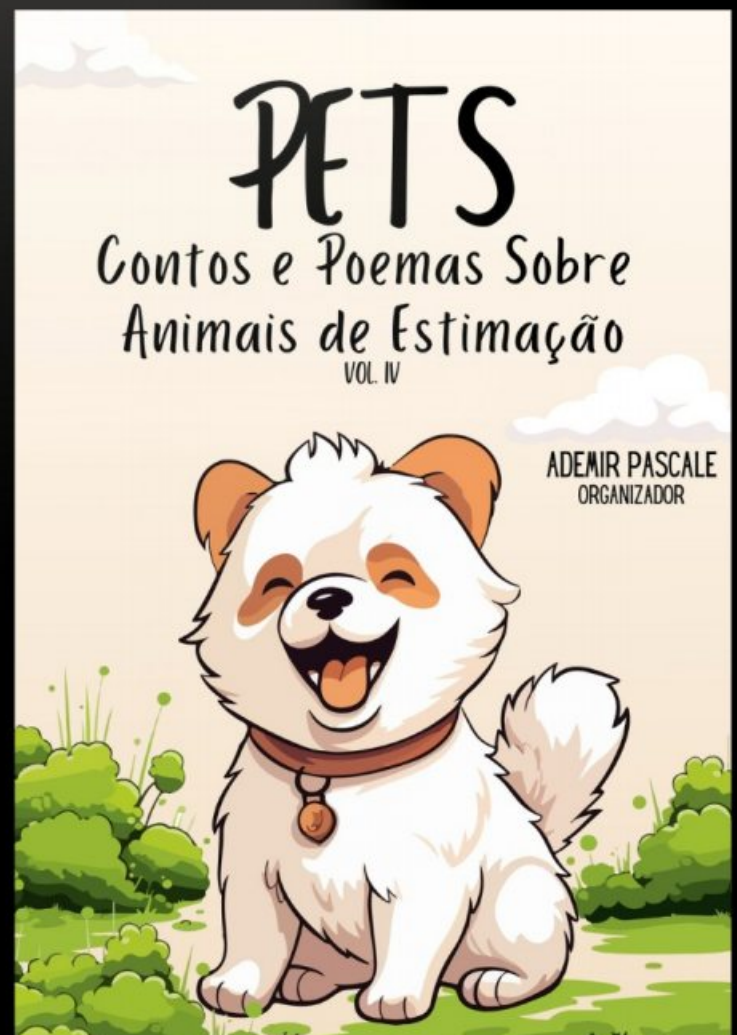
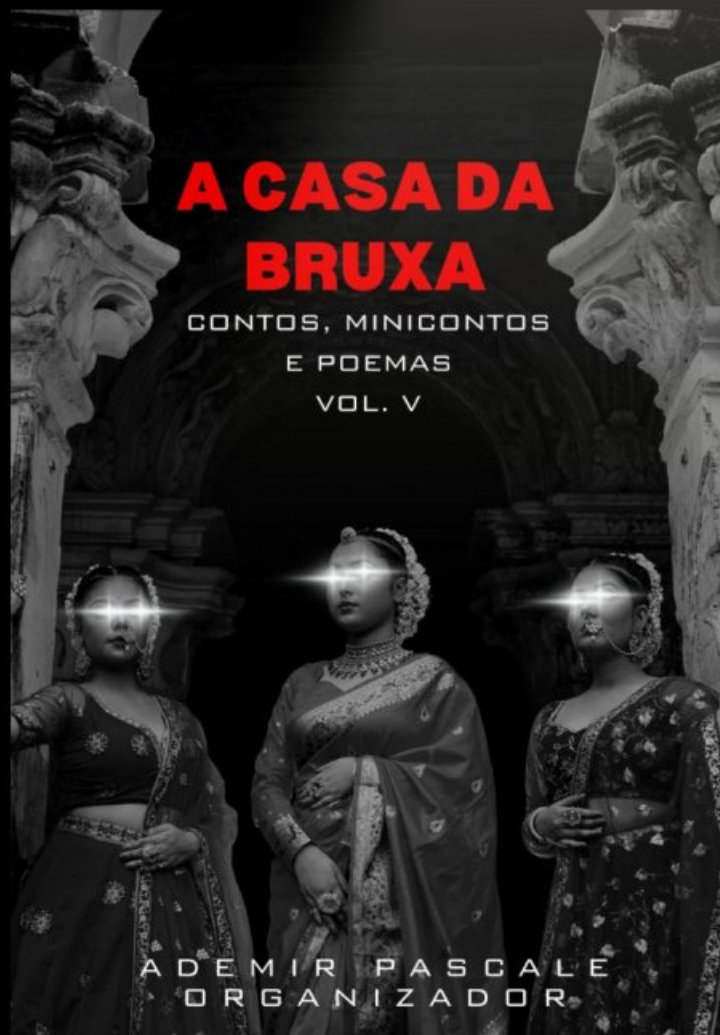
Visuais, líricas, épicas, modernas...
Mulheres não se dobram à escansão.
Seus versos sobrevivem às badernas

impostas pelo louco coração.
Mulheres são sonetos “à moderna”.
O que menos importa é a perfeição!



DICAS PARA LEITURA

A CASA DA BRUXA - VOL. V, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



PETS - VOL. IV, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

NO “ENCONTRO”



Lábios atizados bem pertinho
Por demais envolvidos se “assanham”
Deliciando-se nos “caminhos”
Com os interiores do prazer que sonham

Algo muito belo vai acontecer
Nada importa não saber o que
Pois no encontro “amanhece” a esperança
E, de pronto, cada braço a encontrar... avança!

Entrelaçados
Ardentemente se movem como apaixonados
Devidamente criada cresce a aventura

Sorrisos... alegrias...
Agora de verdade dando voltas na fantasia
Eu e você, então, da candura... novas criaturas!



PELA MANHÃ...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Maravilha de rosa à minha frente
Formosa, se portando como gente
Me leva não somente lembrar
Tamanha delícia, de fato, te amar

Os gostosos abraços
Em todos os "casos"
Fazem com que a paciência
Possa fingir inocência

O belo sorriso
Pela manhã, "embalsama" o eterno bom dia
Quanta delícia apreciar na face aquela alegria

Contumaz... o tal abraço apertado
Salientes corações bem colados
E, daquele alegre bater, nada mais preciso

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Nesta Vida

Por entre galhos secos antes esverdeados
Aos Céus, em loucura, procuro te encontrar
Superando eventuais nuvens quem sabe a contar
histórias lindas

E apreciar seu sorriso na face roseada em raro
"amanhecer"

Ah! Este o meu viver geralmente!

No caminhar, aquela varredura no Céu estrelado
Como louco, a tua criatura somente ver e tocar
Tão sorridente, atraente, na suave simpatia e infinda
Deixando a saudade se materializar e da loucura
reconhecer

Ah! Este o meu viver pausadamente!

No devagar passo a passo
Mas sempre em frente ao horizonte sem olvidar o
espaço

O Céu, por estrelas cristalizado, então sorri
Como se de lá você pudesse partir

Ah! Este o meu viver sorridente!

Assim, sem cansar
Permaneço a caminhar

Em ajuda, a serena noite, deixa "amanhecer" a
madrugada

Eu, todo feliz, grito aos Céus como se não houvesse
nada

Ah! Este o meu viver... felizmente!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

CAMINHANDO SEM PARAR

Após o amanhecer, suavemente, a noite caminha
Depois, se cala, desaparece
Gentilmente cedendo a sua vez

Ao "colo" da Aurora
O Sol se alimenta para o novo viver a seguir
Bem quietinha a noite se vai sem nenhuma fala

Na fantasia do poeta
Pelo semblante agradece
E, no instante
Pelo que ajudou e fez

E o Luar
Que de todo o cenário participou
Junto, bem devagar
Com alegria se afastou

Para, de verdade, em outro lugar
Sua função de amor
Continuar
E somente calor, ardor, proporcionar



SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

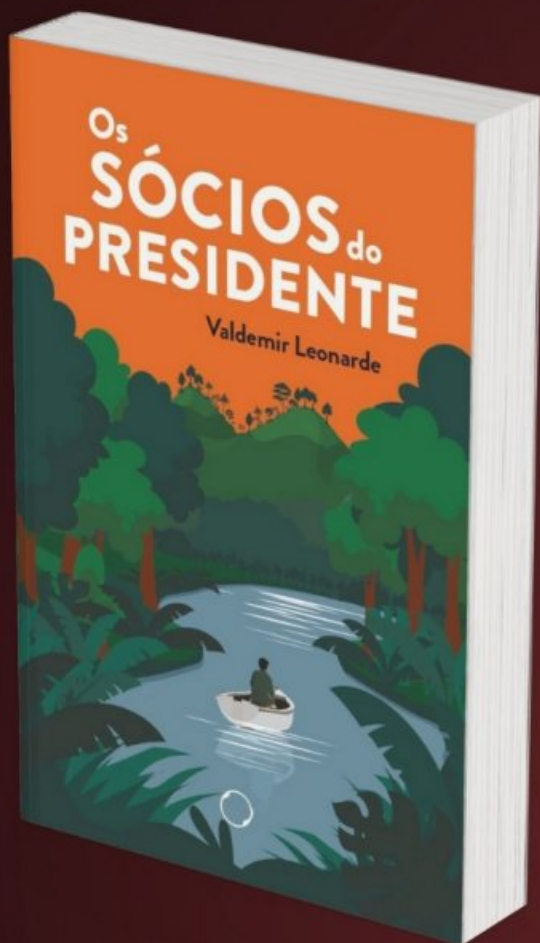
E-mail: mjgouvea@hotmail.com

CONHEÇA O LIVRO

OS SÓCIOS DO PRESIDENTE

AUTOR VALDEMIR LEONARDE

Para os leitores que se apaixonaram por títulos como *Memórias do Cárcere*, *O Conde de Monte Cristo* e *1984*; *Os Sócios do Presidente* é uma leitura igualmente poderosa e introspectiva



Douglas é apenas um profissional comum da classe média que, como tantos outros, está eufórico com as novas leis de seu país. Com elas, cada corrupto denunciado tem de ser enviado rapidamente para prisões de isolamento em lugares desabitados, para evitar que a população os linche em praça pública. Mesmo assim muitos não escapam.

Tudo começou com o presidente, que após desviar milhões dos cofres públicos, tem que renunciar ao ser acusado de forma indefensável. O vice, ao assumir, cria uma enorme cruzada contra a corrupção, estimulando as denúncias com grandes recompensas em dinheiro. Mas uma falsa acusação leva Douglas para a pior das prisões de isolamento. Em plena floresta amazônica, distante de tudo e de todos, tem que trabalhar para sobreviver ao lado de um bando de corruptos, e não demora em descobrir que jamais sairá vivo dela. Inicia, então, a maior aventura de sua vida, na difícil tarefa de provar sua inocência.

SOBRE O AUTOR: Psicanalista formado pela Universidade Estadual de Londrina. Membro fundador da Letra - Associação de Psicanálise.

Instagram:

@valdemirleonarde_escritor



PARA ADQUIRIR O LIVRO FÍSICO


<https://encurtador.com.br/mv5q9> >



PARA ADQUIRIR O E-BOOK

<https://encurtador.com.br/OnLR5> >







POR FLAVIUS JUPPITERIS

CANTICUM DRACONIS

Olha mamãe, eles comem moranguinho...



Cantico Primo
In alto coeli
Lumen solis
Lacerta sedis
In caloris petran
Cantico Secundum
Astro dies
Stela Amabilis
Cum Orion fiat
Lacerta lettitia
Cantico Tercio
Sumos aureos
In solis ocaso
Tanto Nix
In domus spectro
Cantico Quartum
Antrum meun
Pueri draconis
Pro anima vita
Reptilianum amoris
Canticum Quintum
Sederunt pro luna
Draconis morata
Solis matutinum
Vocareri lacerta amabilis. 1973.



SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda I, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

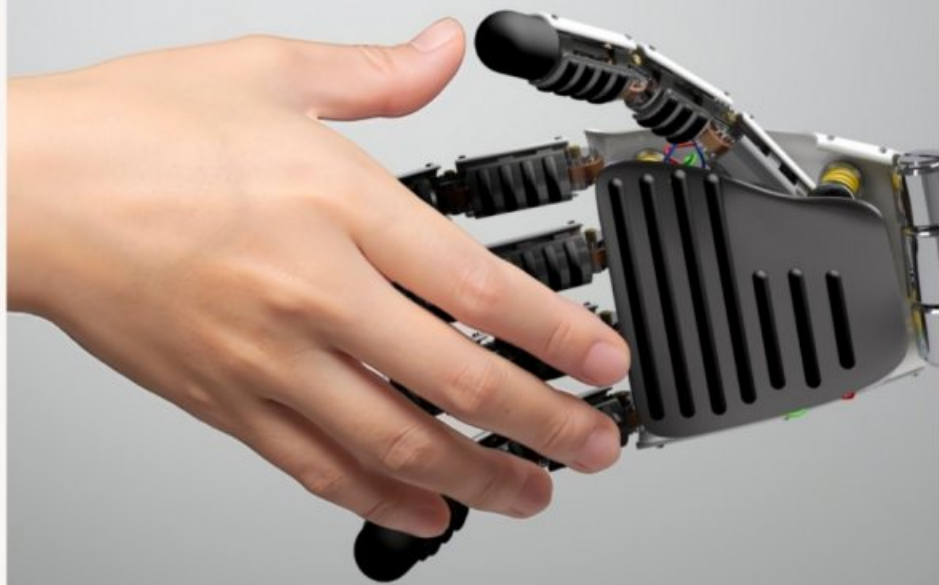
"A felicidade nesse lugar era ser criança e correr atrás de lagartos, mas durou pouco."

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
**CONTOS E POEMAS
SOBRE O FUTURO**
VOL. VI

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS
SOBRE O
FUTURO

VOLUME VI



SELO CONEXÃO LITERATURA

E-BOOK

saiba mais: clique aqui



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL), cadeira n. 34, patrona Laís Corrêa de Araújo, e membro efetivo do Grupo Literário Fonte das Letras.



POR CLARISSA XAVIER MACHADO

AS PEREIRAS



{Uivos}

Toda história tem um início
E o início é a origem
E a origem não é uma lenda.

A origem é o que somos,
O que somos no espírito
E na alma.

*<<As crianças dormem...
Que sonhos lindos>>*

O que trazemos na pele da alma
Não pode ser despido
É como um sinal de nascença.

Pode-se até tentar esconder [desassossego!]
E, desnudos, fingirmos não ver
O que se traz por trás da carne.

*<<As crianças dormem...
Que sonhos lindos>>*

Toda história tem um começo
E o princípio dessa história
Remonta aos tempos antigos
Em se vivia em florestas distantes.

Outrora, havia uma família diferente
De espíritos guardiões
E de mulheres-fadas.

<<As Fadas das Crianças?>>

Nada a ver com as fadas que você conhece
Essas são outras, são as fadas dos lobos,
Ninfas dos bosques que protegem os lupinos.



As Peeiras são dos lobos companheiras
E só elas sabem controlar alcateias,
Só elas têm o dom.

<<As Fadas das Crianças?>>

Agora, você deve ter notado
Que não estou mais narrando os fatos no passado
E sim no presente [viver não é preciso!].

Estou contando tudo como se
As Peeiras existissem
Justamente porque, de fato, elas existem.

<<Longínquo
Reino Cor-de-Rosa>>

Porém, elas, as Peeiras, não vivem mais nas mesmas matas
Já que a maior parte da natureza está destruída
Então, elas tiveram de migrar... E outros lugares encontrar...

Como todas as outras fadas
E junto com todos os enteais
As Peeiras estão -

<<Longínquo
Reino Cor-de-Rosa>>

Por toda parte, viajando
Em todas as naves,
Em todos os mares [navegar é preciso].

E nada disso é
Nem jamais será
Apenas um SONHO...

{Lufos}

"Há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa."



Autor(a), conheça o
pacote
divulgação
para
escritores

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



POR FLAVIO JOPPERT **PESCADOR DE NAMORADAS**

Como pescador
Corto o bambu
Caniço, e o anzol
Naquele fio de prata

Distinto do ourives
Que sozinho trabalha
Joias preciosas
Teço poemas de amor

Na praia dos prazeres
Assovia às Sereias
As vezes a vara
Lhe trás uma truta

Vara ao mar
A caneta de pau faz
Um poema de amor
Quanto mais mar, amar

Certa vez uma tainha
Noutra uma traíra
Aquela enguia deu choques
A espada que engoli

A moreia mordeu
A maria da toca vive comigo
Todas com sal do mar
Todas feitas para amar

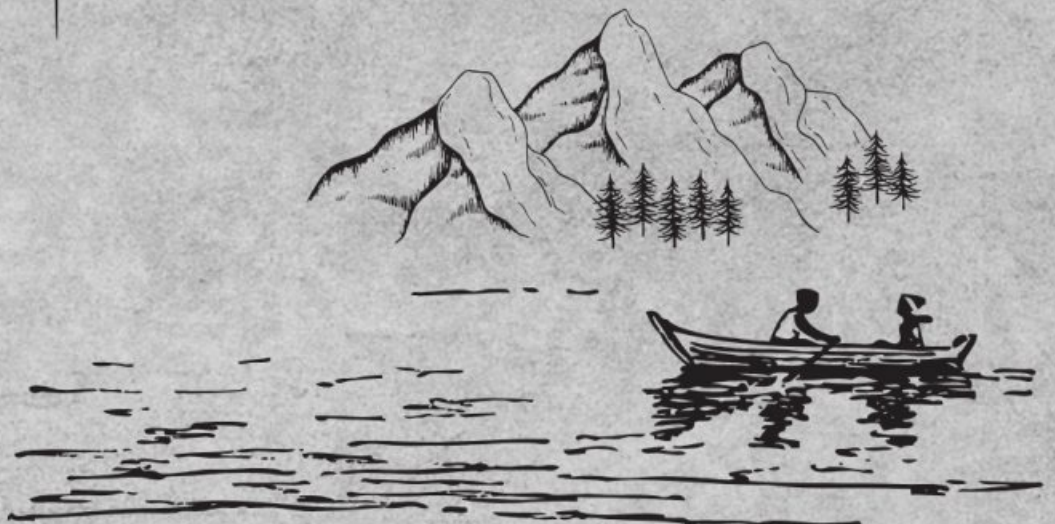
Mas você sempre foi
O desejo de no mar
Encontrar um dia
Uma garoupa para amar

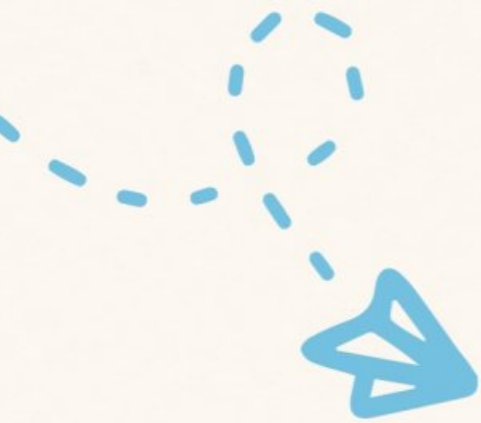
No mar de estrelas
Destinos, astrologia
A peixada do amor
Tem isca da felicidade



Foto: Flavio na
Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.





REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



MANIFESTO DO AMANHÃ

POR EMERSON PAGNUSSAT

Se tu estiveres lendo isto, a tua carne e os teus ossos ainda não se converteram pó.

Relembre: continue olhando para frente, pois há boas coisas no horizonte esperando por ti.

Em breve, os pensamentos e sentimentos que estão lacerando o teu interior, desaparecerão.

As vozes de censura serão silenciadas

E então suspirará o homem do amanhã.

Não olharás para trás com arrependimento, porque tu não pertences a esta modernidade que está adoecendo o ser humano.

Como foi dito "Alguns homens nascem póstumos".

Espere! Tu sentirás o vento do Sul contra a tua face.

E também haverá trovões em teu ar. Mas não temas! Não te desesperes!

A tempestade que está chegando irá despertar um novo amanhã.

O que é fraco e doente vai perecer, desvanecerá.

A água transformará aquilo que está doente naquilo que há de mais elevado e sublime.

Tu contemplarás o que não se vê; tu ouvirás aquilo que não se ouve; tu dirás o indizível.

Tu te tornarás o próprio futuro que estavas esperando por acontecer...



Emerson Pagnussat nasceu em Blumenau, Santa Catarina. Tem 34 anos. Se formou no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente, é graduando no curso de psicologia pela mesma universidade e professor da educação bilíngue na rede municipal de Blumenau. Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoiévsky e Tolstoy. Participou da antologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura. Foi semifinalista na 4ª edição do concurso "MicroConto de Ouro" (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto "Sinestesia".

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CAMINHOS LITERÁRIOS

VOL. II

CAMINHOS LITERÁRIOS

ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES

E-BOOK

CONTOS
E POEMAS

VOL. II

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Alberto Lacerda

POR ADEMIR PASCALE

Alberto Lacerda - Foto divulgação



Alberto Lacerda nasceu em Nanuque, Minas Gerais, em 1978. É poeta, cronista e contista. Possui diversas publicações em antologias e revistas literárias. Teve a crônica “Senhor” publicada na Edição Especial da Revista Contos e Letras na Bienal do Rio de Janeiro em 2017. Foi selecionado como poeta no Prêmio Sarau Brasil – Novos Poetas, nas edições de 2017 e 2020, pela Editora Vivara. Em 2021 participou da Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea Além da Terra Além do Céu - volume V pela Editora Chiado Books. Hoje, suas crônicas saem no Jornal Em Tempo, em sua cidade natal, e pelo portal LiteraturaBR.

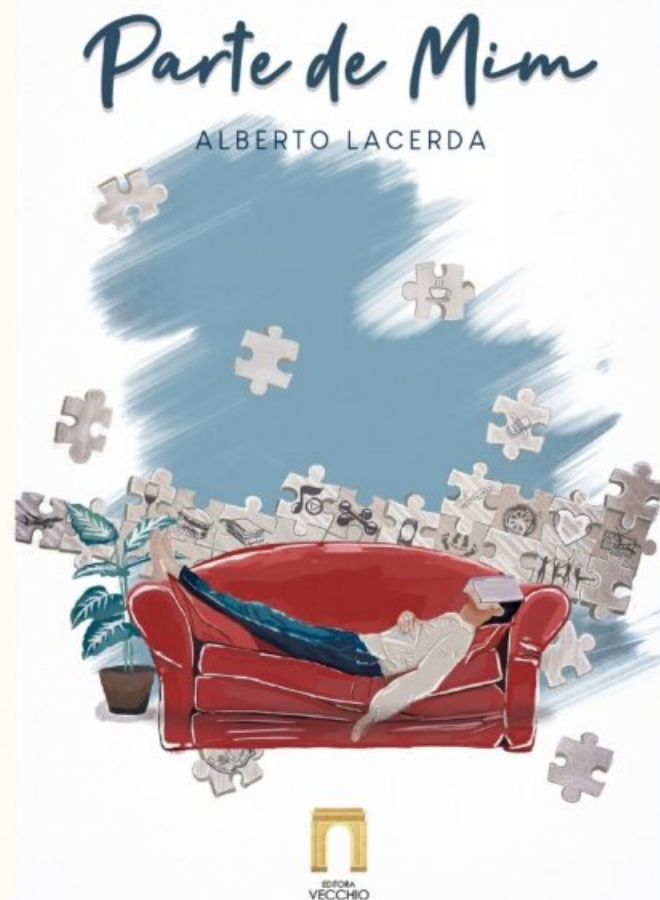
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alberto Lacerda: Eu comecei a escrever relativamente cedo, ainda no ginásio. Ao invés de prestar atenção às aulas de química e física, eu usava o caderno para escrever poesias. Durante essa época eu tive uma professora de redação muito

bacana, chamada Rosa. A professora Rosa foi uma das melhores referências e um dos melhores incentivos que eu tive, pois, os exercícios que ela passava, a dinâmica da aula que ela dava, eram muito estimulantes e eu acho que isso foi o gatilho para despertar em mim essa paixão pela literatura. Essa professora criou um jornal na escola e uma de minhas poesias chegou a ser selecionada, saindo em uma das edições. Tínhamos teatro e interpretávamos letras de músicas, ou seja, era um ambiente muito estimulante. Era uma boa aula, não acha? Como eu disse, eu acredito que foi a possibilidade de viver nesse ambiente que acabou despertando em mim o interesse para o meio literário. Então, comecei a produzir poesia. Mas a produção era muito tímida ainda e por conta da mudança de cidade (Nanuque para Belo Horizonte) logo após o ginásio para cursar a faculdade, depois o emprego e as coisas da vida, isso ficou um pouco adormecido. Apenas em 2014 foi que eu tive esse chamado que me fez começar a escrever de forma regular. Num primeiro momento publiquei na minha cidade natal, Nanuque, num jornal de um amigo. Depois, comecei a procurar por coletâneas literárias e a conhecer o universo literário e isso depois deu oportunidade para as publicações.

Conexão Literatura: Você é autor do

www.revistaconexaoliteratura.com.br



livro "Parte de Mim", poderia comentar?

Alberto Lacerda: "Parte de mim" é o meu segundo livro de crônicas e ele foi escrito em 2020, durante a pandemia. Foi lançado em 2021 e fala das coisas que vivi naquela época. O livro reflete um pouco do meu jeito de ver as coisas, do meu jeito de pensar e de enxergar o mundo. Eu acredito que tenha sido um pouco por aí.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Alberto Lacerda: Então, eu não sei se eu tenho um processo de criação como alguns autores, já ilustres, costumam ter, como só escrever só pela manhã ou só pela tarde ou de uma determinada forma. Eu tento fazer dar tempo para escrever. Eu escrevo quando a inspiração vem, ou quando o prazo tá apertado e tá chegando a hora de entregar a crônica para o jornal. Eu não consigo ter um horário específico para escrever. Eu escrevo pela manhã, a tarde e de madrugada. Levo sempre comigo um bloco e uma caneta; mas também uso muito celular. Então, se eu tô na rua, ou numa cafeteria, ou almoçando, eu busco tomar nota de tudo que eu vejo. Aí ou eu já gravo ou escrevo logo. Tudo serve de inspiração. A vida, o mundo e até, eu mesmo, não é?

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Alberto Lacerda: “Foi neste exato momento que pensei: se cada frase de um livro nos reflete em um determinado momento de nossas vidas, então os livros que lemos vão nos construindo e nos moldando, a ponto de nos tornarmos aquilo que lemos”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alberto Lacerda: Os meus livros estão disponíveis na Amazon e podem ser adquiridos por lá. Tem o primeiro livro que é o Crônicas do cotidiano e o segundo que é o Parte de mim. Para saber mais do meu trabalho basta visitar meu Instagram (Alberto Lacerda: Os meus livros estão disponíveis na Amazon e podem ser adquiridos por lá. Tem o primeiro livro que é o Crônicas do cotidiano e o segundo que é o Parte). As minhas crônicas também saem no LiteraturaBR (Alberto Lacerda: Os meus livros estão disponíveis na Amazon e podem ser adquiridos por lá. Tem o primeiro livro que é o Crônicas do cotidiano e o segundo que é o Parte). O LiteraturaBR é um site muito interessante, e um dos mais importantes do país, divulgando crônicas, resenhas, notícias, novos autores e diversos livros. Tem o podcast também que vale a pena conferir. O LiteraturaBR (com o site, podcast e canal no Youtube) é um verdadeiro hub literário, responsável por levar (e divulgar) a literatura no Brasil. Sugiro a todos que visitem o site e confirmem lá o conteúdo.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Alberto Lacerda: Eu acho essa



questão bastante complicada. Em uma matéria que saiu na Publishnews no final de 2024, tinha a informação sobre a Pesquisa Retratos da Leitura, a qual, dentre várias abordagens, informa o número de leitores do Brasil.. Na época, a informação era que 53% dos brasileiros não tinham lido nem parte de um livro – impresso ou digital – de qualquer gênero, incluindo didáticos, bíblia e religiosos, nos três meses anteriores à pesquisa. Ou seja, como noticiaram nas diversas mídias, somos um país de maioria não leitores. Isso é grave! Por outro lado, vejo um certo avanço no número de clubes de leitura. Isso pra mim é dicotômico e eu não sei explicar isso.

Como vários grupos de leitura podem crescer em um país de não leitores? Difícil, não? Além do mais, tem outras variáveis: preço de capa, Lei Cortez, grandes marketplaces que tomam espaço de pequenas livrarias e outros pontos que podem pesar para justificar tudo isso. Resumindo, é um assunto bem complexo e que precisa ser entendido sob várias lentes.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alberto Lacerda: Sim, tenho dois projetos em andamento e que pretendo lançar ainda este ano. Um é o terceiro livro de crônicas, ainda sem título, e que já está na parte de revisão e reanálise de algumas das crônicas. E também estou com um livro de poesias quase finalizado e que tem o título de Depois da hora de dormir.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Evangelho segundo Jesus Cristo, do José Saramago

Um ator ou atriz: Billy Crudup

Um filme: 12 Homens e uma sentença

Um hobby: Violão

Um dia especial: quando estou à toa.
Adoro não fazer nada.



Entrevista exclusiva com Carlos Eduardo Amaral

POR ADEMIR PASCALE



Carlos Eduardo Amaral - Foto divulgação

Carlos Eduardo Amaral (Olinda, 1980) é jornalista, crítico musical, escritor, compositor, arranjador e pesquisador, agraciado com a Medalha Biblioteca Nacional – Ordem do Mérito do Livro. Mestre em Comunicação pela UFPE, na mesma universidade graduou-se em Jornalismo e concluiu pós-graduação lato sensu em Jornalismo e Crítica Cultural. Como pesquisador, foi agraciado com prêmios da Fundação Nacional de Artes (Funarte), da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e do Ministério da Cultura. Publicou pela Cepe Editora cinco livros que têm como protagonistas compositores referenciais da música pernambucana: Clóvis Pereira, Ademir Araújo, Maestro Duda, Getúlio Cavalcanti e Jota Michiles. No campo da literatura, publicou os romances *Sem relva*, *Sem gado* e *Interminável*, os *Contos sobre a morte desprovidos de morbidez* e *Ide em paz – Um ensaio sobre arte e crítica de arte*. Como compositor, escreveu mais de trinta peças para instrumentos solistas, conjuntos de câmara e orquestra sinfônica, além de arranjos de diversos gêneros musicais.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carlos Eduardo Amaral: Foi um processo natural. Chegou o ponto em que eu tinha uma história para contar, dores para serem abertas — não dores minhas, mas dores presentes na sociedade atual —, e daí nasceu meu primeiro romance, *Sem relva*, que escrevi em 2019 e lancei no início do lockdown, em 2020. Ele trata de um conflito entre um pastor pentecostal e um de seus filhos, um estudante de Ciências Sociais, em meio a uma série de protestos no Recife, semelhantes aos que aconteceram nas Jornadas de Junho de 2013, em prol da melhoria de qualidade do transporte urbano.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Introdução à música armorial", poderia comentar?

Carlos Eduardo Amaral: Como crítico musical, especialmente do universo da música clássica, e como pernambucano, sempre tive contato com o que se conhece por música armorial. Acontece que defini-la em termos estritamente musicais era uma tarefa árdua e pouco exitosa, e até a bibliografia a respeito do tema era muito esparsa, mesmo há cerca de vinte anos. Daí finalmente pude problematizar e sistematizar os conceitos ligados à música armorial, esforço que resultou em dois livros:



**INTRODUÇÃO À
MÚSICA ARMORIAL
CARLOS EDUARDO AMARAL**

este ebook, de nível introdutório, e um ensaio inédito, que deverá ser publicado até 2026. *Introdução à música armorial* é dividido em quatro capítulos, que abordam as raízes conceituais, os antecedentes estéticos, as características e os desdobramentos da música produzida durante o auge do Movimento Armorial, idealizado por Ariano Suassuna (1927-2014).

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Carlos Eduardo Amaral: É sentar-se e

começar a escrever. Tudo vai vindo e vai fluindo, com muito dispêndio de energia mental, claro, mas tudo dá certo ao final do processo. Mesmo no universo da não ficção, quase não faço pré-esquemas. A organização das ideias vai surgindo e se aperfeiçoando simultaneamente ao desenvolvimento da narrativa. A inspiração vai-se maturando no meio do processo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Carlos Eduardo Amaral: “Introdução à música armorial foi elaborado com o objetivo de fornecer uma síntese dos aspectos mais relevantes sobre a música armorial, a fim de ajudar a compensar uma injustificável lacuna editorial – ainda que em âmbito acadêmico já existam artigos, dissertações e teses de relevância ao alcance do público via internet. Para essa síntese, tão importante quanto falar da música armorial em si – ou seja, de suas características, suas composições e sua discografia – era expor os fatores que levaram à sua formatação, bem como ressaltar seu legado e sua influência.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carlos Eduardo Amaral: O livro está à venda na [Amazon](https://www.amazon.com.br/dp/B0CSFCP84R) (<https://www.amazon.com.br/dp/B0CSFCP84R>), em formato exclusivamente eletrônico. Lá o leitor também pode encontrar todos os [meus demais livros](https://www.amazon.com.br/stores/Carlos-Eduardo-Amaral/author/B0892RTGWH) (<https://www.amazon.com.br/stores/Carlos-Eduardo-Amaral/author/B0892RTGWH>), incluindo romances e os livros-reportagem biográficos que escrevi sobre compositores de frevo. Para acompanhar meu trabalho, basta seguir meu perfil profissional no [Instagram](https://www.instagram.com/musicaarmorial) (@musicaarmorial).

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Carlos Eduardo Amaral: Há livros para todos os nossos gostos, nossas necessidades, nossas angústias, nossa sede de saber. Com a internet à disposição para ajudar em nossas buscas, não tarda encontrarmos os livros que nos esperam.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carlos Eduardo Amaral: Existem. Estou com uma novela, um romance e um ensaio prontos, aguardando publicação. A novela é Biografias imaginárias de compositores de frevo, um exercício de utopia cultural, que tem como mote “O frevo haverá

conquistado as plateias de todo o mundo em 2050?”. O enredo é protagonizado por um revisor de textos que recebe os originais de um livro sobre personalidades ligadas ao frevo e revela histórias de bastidores de todos eles, até o momento em que uma dessas personalidades ativa no protagonista uma memória muito íntima e dolorosa ainda não resolvida. Sem terra é um romance que encerra uma trilogia, iniciada por Sem relva e continuada por Sem gado, reunindo personagens remanescentes desses outros dois romances, que trataram, respectivamente, do transporte urbano no Recife e das ameaças, oportunidades, fraquezas e forças de Cabo Verde como nação, na África. Por fim, o Ensaio sobre a música armorial problematiza os conceitos ligados à música armorial, com a finalidade de discutir se esta diz respeito apenas às composições consagradas pelos grupos em atuação nos anos 1970, como a Orquestra Armorial e o Quinteto Armorial, ou se sua definição se expande às obras escritas nas décadas posteriores, até a atualidade.

Perguntas rápidas:

Um livro: O conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro, um caso de unanimidade nada burra.

Um filme: O auto da Compadecida.

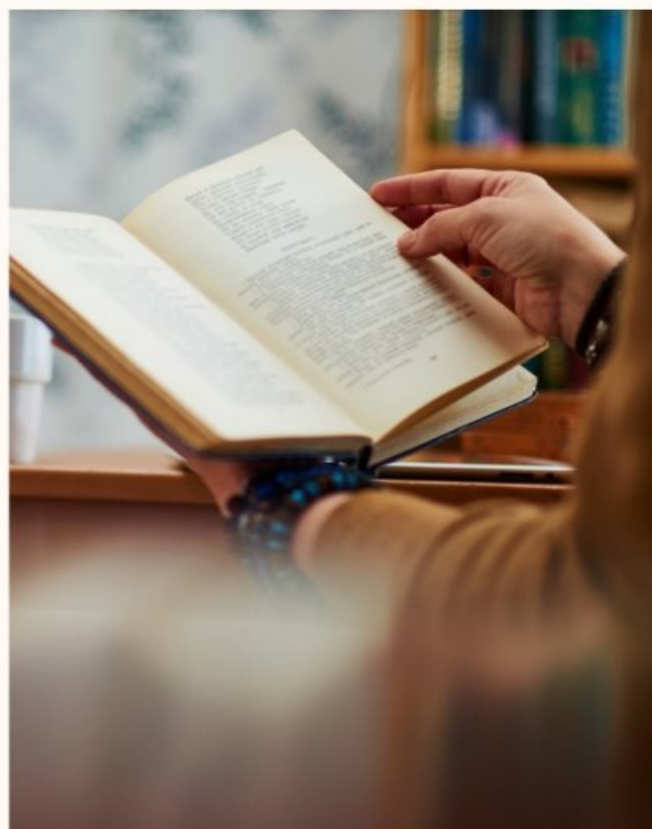
Um hobby: pedalar, por ser não só um

exercício e uma terapia, mas também uma forma de me conectar com minha cidade e conhecê-la cada vez mais.

Um dia especial: sempre o dia de hoje, por ser a chance de fazermos melhor do que ontem e de mantermos a esperança no amanhã.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carlos Eduardo Amaral: Em uma conjuntura onde o conhecimento tem sido efetivamente transmitido e assimilado por meio das redes sociais, temos de reconhecer que o livro ainda se firma como o meio onde encontramos as reflexões mais profundas, os frutos das pesquisas mais importantes e as memórias mais detalhadas do ser humano.



Revista Conexão Literatura

Machado de Assis



“Não se luta contra o destino; o melhor é deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste até onde queira alçar-nos ou despenhar-nos.”

Machado de Assis

Entrevista exclusiva com Luana de Oliveira

POR ADEMIR PASCALE



Luana de Oliveira - Foto Divulgação

Luana de Oliveira é pedagoga, neuropsicóloga, psicanalista e terapeuta ocupacional especializada em neurologia. Com diversas formações em neurociência e psicanálise, Pedagogia e Letras, atua como educadora e terapeuta. Apaixonada por literatura infantil e pelo poder das histórias no desenvolvimento humano, escreveu A Jornada de Lumina, seu primeiro livro infantojuvenil, unindo contos de fadas à psicanálise.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

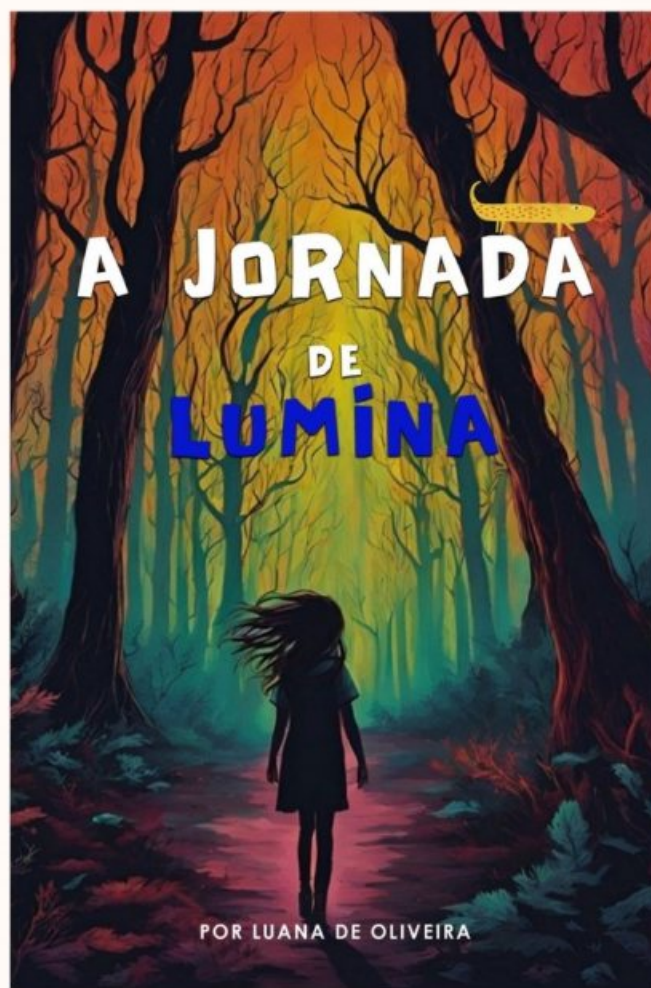
Luana de Oliveira: Sempre fui apaixonada por livros e pelo impacto que uma boa história pode ter na vida das pessoas, especialmente de jovens e crianças. Durante minha trajetória profissional, percebi como os contos de fadas e as narrativas simbólicas ajudam no desenvolvimento emocional e cognitivo. Isso me inspirou a escrever A Jornada de Lumina, um livro que não apenas entretém, mas também convida à reflexão sobre o medo de crescer, a coragem e a busca pelo autoconhecimento.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A Jornada de Lumina", poderia comentar?

Luana de Oliveira: A Jornada de Lumina é uma história infantojuvenil que acompanha Lumina, uma jovem que precisa atravessar um caminho cheio de desafios para descobrir sua própria luz. O livro explora temas como o medo do desconhecido, a perda e a coragem de se reinventar. Ele foi inspirado nos princípios da psicanálise dos contos de fadas, trazendo elementos simbólicos que ajudam crianças e adultos a lidarem com suas próprias jornadas emocionais.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Luana de Oliveira: Meu processo criativo é muito intuitivo, mas também se baseia em estudos e experiências práticas. Gosto de observar as histórias que encantam as crianças e os desafios emocionais que elas enfrentam. Além disso, minha formação em neurociência e psicanálise influencia bastante minha escrita, pois busco criar narrativas que não sejam apenas divertidas, mas que também tenham um impacto profundo no desenvolvimento emocional. A Jornada de Lumina fala um pouco de mim e um pouco de todos nós, das nossas dores, dos nossos



medos e da coragem necessária para seguir em frente, mesmo quando o caminho parece incerto.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luana de Oliveira: 'Com essas palavras, Lumina ergueu o espelho. Ele brilhou intensamente, refletindo não apenas sua luz, mas também todas as memórias e pessoas que haviam moldado Lumina: sua avó, sua mãe, os momentos de amor e perda.'

Conexão Literatura: Como o leitor

interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luana de Oliveira: O livro estará disponível para compra online na Uiclap e também será divulgado em minhas redes sociais. Os leitores podem me acompanhar no Instagram @luanadeoliveira_terapeuta para novidades sobre o lançamento, eventos e projetos futuros.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Luana de Oliveira: A leitura ainda enfrenta muitos desafios no Brasil, especialmente entre crianças e adolescentes. O acesso aos livros e a falta de incentivo à leitura são obstáculos, mas acredito que podemos transformar essa realidade oferecendo histórias envolventes e acessíveis. A literatura infantil tem um papel fundamental nesse processo, pois desperta o gosto pelos livros desde cedo e forma leitores mais críticos e criativos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luana de Oliveira: Sim! Tenho muitos projetos em andamento. Ainda este ano, farei uma viagem para Angola, uma experiência que, com certeza,

trará diversas inspirações para minha escrita. Além disso, lançarei dois novos livros infantis e um curso online acompanhado de um e-book voltado para a educação de crianças de até 10 anos. A Jornada de Lumina também está se expandindo: Lumina se tornará uma série, com pelo menos mais dois livros que acompanharão seu crescimento, não apenas emocional, mas também cronológico. E, em breve, teremos uma versão da Lumina adulta, explorando novos desafios e aprendizados.

Perguntas rápidas:

Um livro:) Mulheres que Correm com os Lobos, de Clarissa Pinkola Estés.

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

Um filme:

Um hobby:

Um dia especial:



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

MISTÉRIOS

CONTOS E POEMAS

VOL. III

MISTÉRIOS

Contos e Poemas

E-BOOK



volume III

organizador
ADEMIR PASCALE

saiba mais: clique aqui


Citações de Grandes Autores





“O amor é mais sábio que a sabedoria.”

- Umberto Eco (O Nome da Rosa)

An illustration of Sun Tzu, a Chinese general and philosopher, sitting in a meditative pose on a raised wooden platform. He is wearing a light blue robe with a red sash and has a long black beard. The background features a traditional Chinese landscape with a large white full moon, red-leafed trees, and a pagoda on the left. The sky is a warm orange-red color, and there are several birds flying in the distance.

“As oportunidades
multiplicam-se à medida
que são agarradas.”

- Sun Tzu



Ademir Pascale - Editor



participe das nossas
Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR ROBERTO SCHIMA

O ÚLTIMO CREPUSCULO

Era noite de verão, quinto mês do primeiro ano do período Tschihó. Muitas estrelas tremulavam no céu sem nuvens, aparentemente afetadas pela brisa que, oriunda das montanhas, soprava a poeira das antigas ruas de K'hai Feng, a capital.

Sobre uma elevação rochosa, dominando a cidade, localizavam-se as imponentes torres do castelo do imperador. Seus telhados recurvados encontravam-se mergulhados nas sombras, exceto em alguns pontos onde as tochas brilhavam, iluminando parte das muralhas. Guardas caminhavam devagar pelos terraços; alguns bocejavam, escorando-se em suas lanças.

Num dos terraços, particularmente isolado das demais dependências, estava Yang Wei-Te, sábio de meia idade e funcionário imperial. Sentia a tranquilidade reinante invadir seu ser sob a forma de perfume. Vindo das milhares de flores dos jardins, inundava a noite em inebriantes ondulações. Inspirava e expirava devagar, saboreando. Um pouco mais abaixo havia uma fonte. Yang Wei-Te não a via, oculta que estava em meio à escuridão, mas a conhecia e podia ouvir o murmúrio da água cochichar em seus ouvidos o segredo da chuva. Pensou no mármore branco de que a fonte era feita e nas imagens de dragões que a ornamentavam. Suspirou.

Alguns grilos cricrilavam nos arbustos. Chamas tremeluziam em lanternas de papel. Sombras dançavam ao sabor da brisa vinda do leste. Os deuses estavam alegres.

"Quanta paz, quanta harmonia, quanta solidão...", refletiu, sentindo-se filósofo. Entretanto, não havia paz em seu rosto, nem harmonia em seu espírito. Ele estava só sem se encontrar sozinho. Ajeitou-se sobre a almofada e estreitou mais os olhos amendoados, erguendo a cabeça para o céu. Um turbilhão de estrelas sorriu. Vez ou outra fazia anotações sobre a mesinha laqueada, e suas faces adquiriam uma tonalidade avermelhada por causa das lanternas.

— Mais — ordenou Yang Wei-Te, perturbando a paz das flores e dos grilos.

Atrás dele, um vulto se moveu num roçar de seda e, sem falar coisa alguma, depositou nova folha entre as tintas e pincéis. Ele, então, grunhiu um agradecimento e a silhueta tornou a se fundir com as trevas.

Por volta da meia-noite, a constelação do Porco principiou a surgir no horizonte oriental. Algum tempo depois, apareceu uma estreita faixa da lua nova e a constelação do Galo.

O olhar atento de Yang Wei-Te perscrutou as estrelas daquela parte do céu, conhecida pelo nome de Tigre Branco, e ele pincelou alguns ideogramas na frágil folha de papel de arroz. A mão tremeu. Sentia medo e não era para menos. Sua vida dependia disso e, não fosse pela presença dos auxiliares, teria chorado de desespero.

Um dos grilos recomeçou a cricrilar. Foi imitado por outro e mais outro.

O sábio orou aos deuses em pensamento, ignorando o perfume dos jardins, o sopro do vento em seu rabicho, a fonte fazendo chuva, os insetos sob a folhagem. O mundo inteiro, toda a China, não existia para ele. Havia apenas a imensidão misteriosa do céu e os pontinhos de fogo que nasciam. Suspirou mais uma vez.

Foi o momento mais triste da vida de Yang Wei-Te.

Em outro tempo e lugar, há milhares de anos perdidos, uma voz transformada em melodia cantarolou. Era como o som da cigarra choramingando momentos antes do crepúsculo, sem saber se seria ouvida. Todavia, quem cantava naquela tarde de sol jamais vira uma cigarra, e, se visse, emitiria uma interjeição de assombro e reconhecimento.

— Tralalalá... Lalarali... Tralarali...

Seu nome era Ginécia e ela alisou uma, duas, três vezes as suas delicadas antenas azuis. O tempo seco e abafado trazia infinitas partículas de poeira que aderiam como pragas nas colheitas. Encolheu os ombros, aliviada.

"Pronto, finalmente eu posso ouvir e cheirar direito. Droga de pó, ainda acabo pegando uma alergia", pensou, movimentando o par de antenas num bailado sinuoso.

Estava uma tarde quente, muito quente. A cozinha assemelhava-se a um forno ligado ou a uma câmara de vapor. Ela sabia descrever com exatidão o que estava sentindo o bolo de néctar que estava assando para o chá das quatro.

— Tralalalá... Lalarali... Tralarali... — Sua voz era o sussurro do vento nas dunas de areia. Cantarolou baixinho, acompanhando a música do rádio-laser, mexendo aqui e acolá com suas ágeis mãos. Talheres de ouro avermelhado e prata alaranjada. Taças de diamante, pratos de magma endurecida. — Tralalalá... Lalarali... Tralarali...

Do lado de fora, na varanda espelhada, seu marido, Antrópio, tirava um cochilo numa velha rede de fibras prateadas. Seu rosto trazia reflexos avermelhados do gigantesco sol vermelho que parecia a tudo envolver. A poeira escaldante acumulava-se insolente nas reentrâncias de seu corpo escamoso. Ele parecia não ligar.

Ginécia esticou o pescoço e olhou pela janela. Viu o marido espreguiçar-se, sua boca abrir-se num enorme bocejo e ele voltar a dormir como um menino satisfeito, após um dia cheio de travessuras.

"Nós, donas de casa, também deveríamos ter nossa aposentadoria. Também deveríamos ter a nossa rede estendida na varanda para podermos dormir nas tardes quentes de verão."

Alisou os quadris doloridos com as azuis mãos inferiores, enquanto as mãos superiores apanhavam garfos de ouro para testar a firmeza do bolo. Seu avental gorduroso ondulava desanimadamente. Abriu a caixa de vidro. Uma névoa quente envolveu seu rosto, incomodando-a. Ao menos o aroma estava delicioso. Cutucou com o garfo, ares distantes, longe dali. Tornou a fechar.

Transeuntes atravessavam as ruas de prata, usando seus macacões de prata e sombrinhas de prata. De vez em quando, carros de prata passavam velozes, levando pessoas apressadas a lugares de prata. Talvez fossem mais cientistas rumando para os Laboratórios Prioritários de Resfriamento Anti-Solar. Ou, então, talvez fossem simples cidadãos migrando de um lado a outro, procurando por climas mais amenos. Mais algumas semanas e a cidade acabaria se transformando numa cidade-fantasma. Seja como for, levantavam nuvens de poeira para desagrado de todos.

Uma brisa fugidia trouxe um cisco nos olhos múltiplos de Ginécia. Praguejou baixinho. Custou para tirá-lo, mas conseguiu à custa de muitas lágrimas.

Subitamente, sentiu um arrepio no alto da cabeça. Suas antenas sensíveis captaram a conversa de dois moradores. Enrolaram-se uma na outra, melhorando a recepção.

— ... e esse governo também não ajuda em nada! — dizia um deles.

— *Que é isso* — replicou o outro. — *Desde que o sol começou a inchar, o governo tentou, a todo custo, minimizar o sofrimento da população. Não seja injusto. Você não viu os refletores peliculares de prata que foram colocados em órbita? E os telhados prateados distribuídos à comunidade? Vestimentas especiais, carros de prata, refrigeradores ambientais e tantas outras coisas cobradas em suaves prestações. Tem até mesmo satélites e estações espaciais a meio caminho entre o planeta e o sol, monitorando constantemente o espectro, as emissões de rádio, o vento solar, a fusão atômica e mais um monte de fenômenos que não compreendo.*

— *Certo, certo, certo. Porém, você não pode negar que o governo tem sido muito parcial.*

— *Parcial? Como?*

— *Oras! Ouvi falar que tem gente fretando aeronaves do Estado para se mudarem até latitudes mais elevadas, próximas dos polos, onde a temperatura é mais tolerável. Dizem que tem muito filho de governador e vereadores envolvidos...*

Ginécia tentou desviar sua atenção da conversa, contudo, não resistiu em ficar ouvindo só mais um pouquinho. A conversa estava interessante. Ela sabia que era feio bisbilhotar, mas quem é que os mandou tagarelarem perto de sua casa? Além do mais, ela era mulher. Alguém a culparia por isso? As antenas continuaram enroladas.

O tom de voz era grave:

— *Meu caro jovem, não sei quem lhe passou tais informações. Devo alertá-lo quanto a falsidade das mesmas e a uma maior precaução quanto a sua disseminação.*

"O governo é terminantemente contra as idas às proximidades dos polos. Nenhuma aeronave governamental está sendo utilizada para esse fim. Aliás, o uso delas tem se concentrado basicamente na prestação de auxílio médico e de material nos territórios de difícil acesso. O governo tem advertido aos aventureiros quanto aos perigos de inundações e avalanches, pois os polos estão derretendo rapidamente."

— *Hum... Tudo bem, pode ser que eu esteja enganado. Talvez eu esteja sendo precipitado... Que tal irmos até a cantina molhar um pouco a garganta e falarmos com mais calma a respeito?*

— *Vamos sim. Esse calor ainda acaba comigo.*

As vozes se tornaram imperceptíveis e Ginécia retomou o seu trabalho. Suas antenas azuis se desenrolaram sem pressa em movimentos serpentiformes.

Pelo rádio-laser, ela já tinha ouvido vários informes sobre o bizarro fenômeno que estava se processando com o sol. Políticos e cientistas estavam, constantemente, tentando tranquilizar a população sobre a temporariedade do evento. Segundo os astrofísicos, o sol entrara num estágio de flutuação no qual o núcleo superdenso sofrera uma súbita compressão, aumentando sua temperatura. Esse acréscimo de calor no inferno de hidrogênio e hélio estaria forçando as camadas superiores a se expandirem. Consequentemente, o sol estava aumentando de volume, fazendo a temperatura do planeta subir sensivelmente. Porém, asseguraram os cientistas, em breve o núcleo esfriaria e o sol retornaria ao estado normal.

Ginécia nunca se interessara por Astronomia. Na melhor das hipóteses, preocupava-se com as estações do ano, datas de aniversário e a beleza das três luas à noite. Antrópico também considerava os problemas do dia a dia mais urgentes do que qualquer *verão inesperado*, conforme dizia. E, depois que ele se aposentou, seus problemas mais urgentes se resumiram em decidir se dormiria na varanda ou se iria jogar xadrez holocinético com velhos companheiros no bar da esquina.

Fazia tempo que Antrópio não dirigia uma palavra de carinho à esposa. Às vezes, Ginécia se pegava pensando a respeito. Uma leve sombra de melancolia ameaçava envolvê-la e, rapidamente, chacoalhava a cabeça, repreendendo-se. Ela ainda o amava. Após todos esses longos anos de casados, ela o amava. Sabia de todos os defeitos e manias dele, bem como de suas qualidades. Compreendia-o com uma paciência ilimitada e sentia, bem lá no fundo, que Antrópio também a amava e que não poderia viver sem ela. Era, não obstante, um amor feito de silêncio, sedimentado por antigas lembranças, acomodado pelos repetidos verões e por rugas carregadas de poeira.

O forno sônico começou a piscar, interrompendo seus devaneios. Cuidadosamente, ela tirou o bolo dourado. Um forte odor de néctar espalhou-se pela casa como teias de aranha num sótão esquecido. Com uma das mãos, passou a cortar o bolo em fatias. Com outra, pegou um bule de chá. Com outra, separou copos, guardanapos, colheres e garfos. A última mão permaneceu apoiada nos quadris. Seus quatro sapatos prateados produziam um som reverberante no assoalho de prata. Um som que se espalhava pelas paredes termo-isolantes, silenciando-se no teto.

Um carro de prata cruzou a rua em rápidos reflexos. Formaram-se redemoinhos. a nuvem de poeira assentou-se lentamente, flutuando na atmosfera tórrida e parada. Miragens de poças d'água nas estradas surgiram e desapareceram.

— Pronto. Está lindo... — murmurou Ginécia, olhando a mesa posta. O bolo no centro da mesa hexagonal continuava a fumer. A toalha rendada estava impecavelmente limpa e cheirosa. A mesa parecia muito grande para duas cadeiras apenas. — É uma pena não termos filhos. — tomaram essa decisão antes mesmo do casamento; decisão que ela lamentou posteriormente, quando era tarde demais.

Lá fora, sombras se alongavam sob o sol gigante do *verão inesperado*. Antrópio roncava sonoramente como o motor de um cão de guarda eletrônico.

Ginécia consultou o relógio, perguntando-lhe as horas.

— Quinze horas, dezessete minutos, quarenta e três segundos — informou o aparelhinho cintilante, colado na parede ao lado da lavadora-robô.

Estava na hora de chamar Antrópio. Tomariam chá em silêncio, comeriam em silêncio. Ele diria: "O bolo está uma delícia". Ela responderia: "Obrigada". Ele resmungaria sobre o calor. Ela concordaria. Ele voltaria para a varanda. E ela desarrumaria a mesa, esperando a hora de preparar a janta.

Suspirou.

Estava se dirigindo à porta de tela que dava acesso à varanda, quando sua antena direita captou um som estridente. Era um ruído pavoroso e dava a impressão que pretendia perfurar o cérebro de um canto a outro. O pequeno rádio-laser estava gritando, anunciando notícias urgentes. Ginécia, meio interessada, parou para ouvir na esperança de ter algo novo para contar a Antrópio. Metade de seus braços estava apoiada no batente da porta e a outra metade segurava a fina tela de prata. Seus olhos múltiplos azulados focalizaram o interior da cozinha, detendo-se no rádio-laser.

Yang Wei-Te acompanhava o lento avançar das constelações na abóbada celeste e, em cada estrela, via o brilho dos olhos do imperador Sung. Tentou se concentrar.

O imperador andava muito aborrecido ultimamente e tinha suas razões. Uma parcela respeitável das plantações de chá havia sido perdida. Os bárbaros estavam reorganizando suas tropas nas fronteiras do Império a fim de lançar um novo ataque. Havia boatos sobre a vinda de um devastador terremoto, sendo que o anterior levava uma de suas concubinas favoritas.

Na última audiência que concedera ao seu calculador de calendários, fora bastante claro:

— Yang Wei-Te, alerte-me sobre sinais de mau agouro no céu. Fique atento. Se um terremoto está para vir, se uma morte está para chegar, eu quero saber com antecedência. Lembre-se de Hsi e Ho!

A última observação fizera gelar o sangue do astrônomo. Ele conhecia bem a história infeliz de Hsi e Ho, os dois astrônomos imperiais que há mais de três mil anos foram decapitados por não terem previsto e avisado antecipadamente sobre a vinda do dragão.

Naquela época, o dia tinha corrido calmo, quando, repentinamente, um dragão tentara devorar o Sol. Na primeira mordida, ele levava uma parte do disco. Depois, fora a metade e, por fim, o Sol inteiro sumira na goela do dragão, ficando somente um fantasmagórico halo de luz branca rodeando um disco negro em seu lugar. O céu se apagara e a escuridão envolvera homens e mulheres que gritaram de horror. O medo trouxera consigo a coragem e, seguindo a ideia de alguém, passaram a xingar e a fazer barulho com tambores e instrumentos sagrados. Berraram, berraram e berraram. Demorara, mas, finalmente, o dragão, assustado, regurgitara o Sol e fugira para o limbo. O povo conseguira salvar o Sol, entretanto, nada salvara os astrônomos da ira do então imperador.

Inconscientemente, Yang Wei-Te levou uma das mãos ao seu próprio pescoço. Um dos auxiliares, aquele que lhe passara a última folha de papel, percebeu o movimento e engoliu em seco.

Pouco a pouco, a aurora principiou a surgir no horizonte, apagando as estrelas.

Tanto Yang Wei-Te quanto seus dois auxiliares aguçaram a vista naquela direção para ver se descobriam algum cometa, sabido mensageiro de maus presságios. Rezaram nervosos para que tal não acontecesse.

Uma tênue neblina cobria o horizonte como uma mortalha.

O rádio-laser gritou para Ginécia:

— *Atenção! Urgente! Atenção, todos! A estação interplanetária de estudos solares, MAGMA IX, acaba de anunciar: nosso sol explodiu. O núcleo em fusão entrou em colapso. Desabou sobre si mesmo e, com o brilho de cem bilhões de sóis, estourou, esparramando matéria e gases em todas as direções num inferno inimaginável.*

"Devido a enorme distância que nos separa dele, levaremos ainda vinte minutos para sentir os efeitos da catástrofe cósmica."

Havia uma morbidez paranóica naquela voz, a medida em que o locutor prosseguia, descrevendo os efeitos.

— *A temperatura atingirá milhares de graus, derretendo todo o planeta. O oceano se converterá num caldeirão fervente. A onda de choque arrastará a atmosfera para o espaço. Haverá o desequilíbrio na gravidade que nos une à estrela, bombardeio radioativo e prováveis choques contra o material solar. Um frio súbito se fará presente então, transformando o planeta num imenso bloco gelado a vagar morto pelo vazio do espaço rumo à escuridão infinita.*

"É o fim de tudo.

"O governo central pede desculpas ao povo por ocultar, durante tanto tempo, esse destino inevitável.

"Restam dezoito minutos... que valham por uma vida!"

A voz transtornada voltou a repetir o noticiário freneticamente desde o início, contando o tempo.

Partículas de poeira flutuavam no ar em meio ao feixe de luz diagonal que penetrava pela janela da cozinha. O bolo ainda fumegava. Ginécia, sob o umbral, fitava fascinada o pequeno rádio-laser. Do lado de fora, o sol brilhava intenso, vermelho, preguiçoso e ameaçador. Alguns gritos vieram de longe e foram enfraquecendo. As antenas azuis captaram uma algaravia incompreensível que gradualmente sumiu. Alguns carros cruzaram a rua a toda velocidade, contudo, logo as vias públicas ficaram desertas na cidade já carente de habitantes, dos migrantes que não retornaram. Além do rádio-laser, tudo o mais ficou em silêncio.

Ginécia, como que desperta de um sono profundo, correu pela varanda.

— Acorda, Antrópio, acorda!

O homem sobressaltou-se. Antenas enrijeceram.

— Como? Quem? O quê?

— Acorda, querido.

— Por quê? O que foi, mulher?

— Vamos ver o pôr do sol. — As mãos de Ginécia, todas as quatro, seguravam fortes os braços do marido. — Vamos!

A rede de fibras prateadas rangeu. A poeira que cobria o peito e o dorso de Antrópio começou a cair como absurdos flocos de neve na tarde quente de verão. Era o verão inesperado, o verão do apogeu da vida diante do outono da existência.

— Ficou maluca! Acordar-me desse jeito só para ver o pôr do sol! E ainda nem é hora! Olha lá — apontou —, o sol ainda tá alto no céu. O calor está de matar, e...

Ginécia encontrava-se agora à beira das lágrimas. Fez o possível para conservar o autocontrole. Suas mãos continuaram firmes.

— Por favor, querido, faça isso por mim — disse pausadamente, encarando-o. — Vamos ver o pôr do sol, por favor.

O velho aposentado hesitou, analisando a esposa, desconfiado. Girou a cabeça para a rua abrasadora, indolente, vazia. Aquilo não era um momento propício para se ficar tostado ao sol. Era ridículo! Imaginou um refrigerante bem geladinho.

— Estou com sede.

Ginécia nada respondeu, continuando a fitá-lo com intensidade, pedindo em silêncio.

Por fim, Antrópio cedeu.

— Tá bem, tá bem. — Soltou um bocejo. — Mas depois você me deixa dormir até mais tarde, promete?

— Prometo — disse Ginécia, baixinho.

Foram andando até o topo de uma colina próxima, onde havia um pequeno toldo refletor e, sob ele, algumas mesas e banquetas para piqueniques.

As ruas, estradas e avenidas estavam silenciosas. Redemoinhos de poeira dançavam em torno de latas vazias, brinquedos quebrados, sapatos abandonados. As poucas pessoas que restavam na cidade estavam em suas casas, nos quartos, salas e alpendres. Todas silenciosas agora. Cada qual tinha ao seu lado algum ente querido: um pai, um irmão, uma mãe, uma irmã, avós, primos, filhos, netos, sobrinhos, um marido, uma esposa, uma namorada, um amigo. O mundo estava em silêncio. Somente Antrópio resmungava, enquanto subiam, mas, depois, ele também se calou, fatigado.

Sentaram nas banquetas. Ao longe, avistaram as dunas onde, anos atrás, havia um bonito bosque. O ar tremulava rente ao chão, distorcendo a paisagem. Edifícios inteiros tinham sido deixados para trás e davam a sensação de derreter como sorvetes de casquinha. A represa, agora, mal passava de uma lagoa de água quente. Seria realmente verdade que seu mundo outrora fora fresco, vivo, próspero e movimentado? Não teria sido um sonho? Ou o sonho seria o atual momento?

Ginécia se abraçou ao marido, sob a proteção do refletor, e disse em tom de confiança:

— Antrópio, eu te amo.

Surpreso, depois de tantos anos, ele engasgou, ficou sem jeito, sem saber o que dizer. Sentidos adormecidos despertaram.

— Ginécia...

— Obrigada pela vida que tem me dado. — E se abraçou mais forte a ele, ocultando o rosto.

Uma rajada de vento agitou o toldo.

As palavras vieram arrastadas, trazidas com dificuldade do âmago de Antrópio, do velho Antrópio, do jovem Antrópio.

— Eu também te amo, Ginécia.

— Querido.

— Querida.

Na grandiosidade de um momento, as antenas de um se entrelaçaram com as antenas do outro e eles se beijaram. Toda a história de duas vidas compartilhadas renasceu. Ecos e mais ecos e mais ecos. Centenas de Ginécias e centenas de Antrópios lotaram o exíguo espaço no topo da colina. Não era mais verão, e nem outono. Era primavera.

E assim, tão próximos em corpo e espírito, ficaram a observar o horizonte, o céu vermelho, as construções de prata em infinitos reflexos tardios.

Se Antrópio notou alguma coisa na quietude dominante, não deixou transparecer.

O bolo de néctar parou de fumar.

O ar parou completamente.

Chegou o pôr do sol.

Yang Wei-Te sobressaltou-se, derrubando papéis, pincéis e vasilhames de tinta na mesinha laqueada. Suas anotações se transformaram num borrão pegajoso e escuro. As lanternas de papel tremeram, atraindo a atenção de um dos guardas na muralha mais próxima.

— O que foi, senhor? — indagou um dos auxiliares, alarmado.

— Olha lá! Olha lá! — apontou o sábio. — Lá, perto da estrela Thien-kuan!

Os auxiliares seguiram o dedo do mestre e, sobre a neblina formada pouco acima do horizonte, eles também viram aquilo. Aparentemente, suas preces não foram atendidas. Vislumbraram machados brilhantes, cabeças rolando em cestos de palha. Ou poderia ser que não. Pior seria se não tivessem visto. O objeto luminoso foi subindo com as estrelas, fugindo da aurora que emergia. Ao invés de diminuir, seu brilho branco-avermelhado cresceu e cresceu.

— Desastre! — gritou um dos auxiliares.

— Terremoto! Furacão! — completou o outro.

Para surpresa de ambos, Yang Wei-Te deu uma gargalhada.

— Nada disso. Nada disso. Nada disso. — Pulou e rodopiou pelo terraço.

O guarda chamou um companheiro e ambos observaram o funcionário imperial dançar como uma criança. Menearam a cabeça, crenes de que o homem havia enlouquecido.

Os gritos de Yang Wei-Te espalharam-se pelos jardins do castelo, perderam-se na fonte de mármore, expulsaram os grilos de uma vez por todas.

Era um sinal de bom presságio.

Após alguns instantes de solene silêncio, Yang Wei-Te solicitou a seus auxiliares que prosseguissem com as observações, enquanto ele, muito orgulhoso, foi narrar sua descoberta ao imperador Sung.

— Observei o nascimento de uma estrela, honorável imperador — contou horas depois.

A estrela recém-nascida foi admirada em toda a China. Ela brilhou dias seguidos, mesmo com o Sol a pino.

As plantações de chá se recuperaram.

Os bárbaros foram repelidos.

Não houve terremoto.

Foi o momento mais feliz da vida de Yang Wei-Te.

NOTA DO AUTOR:

É uma história antiga. A inspiração surgiu da leitura de uma matéria sobre Yang Wei-Te (sim, ele existiu) e a supernova por ele avistada em 04 de julho de 1054 d.C., a qual originaria a Nebulosa do Caranguejo. Constava no livro "Astronomia - Conhecimentos Atuais" (Editora Moderna), de Joachim Herrmann, adquirido em 29.01.1978. "O Último Crepúsculo" está entre os textos onde

a influência de Ray Bradbury se faz mais evidente. Escrevi em 05.06.1987, e foi publicado originalmente no fanzine "Somnium" nº 28, de abril de 1988, editado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Foi revisto em dezembro de 1991 e retocado em agosto de 1993. Tornou a ser reproduzido em minha antologia solo "Limbographia" (Clube de Autores, 2013) e na antologia "Sem Era" (Editora Obook, 2024). Figura entre meus contos favoritos, agora valorizado pela pátina da nostalgia.



Ilustração elaborada por Roberto Schima

SOBRE ROBERTO SCHIMA: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de trezentas e cinquenta e seis antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Mergulhar em uma
história é como
**explorar um novo
planeta.**



POR GILMAR DUARTE ROCHA

SANTO DE CASA FAZ MILAGRE, SIM

Sinhá Mariquinha tinha a fama de ser a pessoa mais devota à religião católica na pequena cidade de São José dos Suplicantes, localidade perdida em algum ponto da região do Recôncavo baiano. A senhora septuagenária, já caminhando para a casa dos oitenta, tinha o sestro de colecionar — além de adorar — dezenas, talvez quase uma centena de imagens de São Francisco de Assis, seja em forma de quadro, em escultura de bronze, de barro, de madeira, de porcelana; e até uma imagem do santo confeccionada com tecido e juta. Todos no lugarejo tinham ciência da existência e da abundância dessas efigies do frade franciscano (que virou santo dos pobres) na residência velha solteirona. No entanto, o que poucos sabiam, é que a beata guardava a sete chaves um escapulário de ouro puro, datado de meados do século XIX, com a imagem do santo Francisco, joia essa que ela havia herdado do seu bisavô João Fulgêncio dos Reis, um famoso usineiro da região, que construía igrejas e capelas em todo lugar, mas que tratava à base de relho e do pelourinho as dezenas de escravos que labutavam e sofriam nas suas usinas baianas e alagoanas.

A religiosa Mariquinha levava a vida andando de casa para a igreja; da igreja para a casa de outras amigas beatas; rezando, benzendo, maldizendo, orando, enfim cumprindo um roteiro, que se submetido ao mapa de calor, poderia se traduzir numa perfeita elipse geométrica com os seus eixos, distâncias e focos muito bem traçados, começando e terminando sempre no mesmo lugar.

Como a vida de um ser humano não pode ser traduzida como uma elipse definitiva, com caminhos e trajetória calculados matematicamente, desde o berço até o túmulo, que seguramente é último cômodo reservado ao burguês, eis que um belo (ou triste) dia o padre Cosme y Damião, um pároco quase centenário, que inclusive crismou, batizou e comungou a religiosa Mariquinha, foi dessa para melhor, despencando do altar da igreja matriz de Suplicantes, em plena missa, após ser abatido por um infarto fatal.

Criou-se um clima tamanho de comoção e tristeza na cidade e região, que foi preciso embalsamar o corpo do sacerdote católico, para que todos os cidadãos e campesinos pudessem vê-lo e prestar-lhe a última homenagem.

Pois bem. Duas semanas após o sepultamento do querido padre, chegava à cidade o substituto enviado pela arquidiocese de Salvador, um clérigo jovem, simpático, elegante, robusto e muito comunicativo, de nome Alaor Barbosa, que pertencia à ordem dos carmelitas. Não demorou para a presença do novato criar um certo clima de animosidade entre as fieis do sexo feminino, mormente entre as moças, que raramente iam às missas no tempo do padre Damião, e as beatas (em especial, Sinhá Mariquinha), que eram grude e carrapato da casa do Senhor e que já faziam parte do inventário da igreja e que também já se sentiam incomodadas com o assédio da juventude feminina.

Certa tarde, para desbancar o ímpeto de uma mocinha que nunca tinha cumprido o sacramento da confissão dos pecados e que na hora de fazê-lo subiu em um tamborete e só faltou encostar os mamilos na grelha do confessionário, Sinhá Mariquinha, visivelmente irritada, saiu da fila das confessoras e foi ao encontro da jovem penitente, arrastando-a pela gola da camisa e esbravejando:

“Despudorada! Não tem vergonha? Isso é jeito de se comportar diante de um homem de Deus?”

A moça, assustada com a rispidez e a grosseria da beata, saiu correndo da igreja gritando impropérios e prometendo revanche à velha senhora. Sinhá Mariquinha, por seu turno, embevecida com o ato de protesto à moralidade, seguiu altaneira para o confessionário. Ajeitou os cabelos presos por um antiquado coque; ajustou o pó de arroz do rosto; olhou para o seu busto e, vendo que as coisas desmoronadas pelo tempo não iriam seduzir o vigário, resolveu que utilizaria a sedução do patrimônio, que nunca falha, em situação alguma:

“... Santo padre esses são os meus pecados, mas, quis o Santo Deus, que eu não perdesse a minha formosa casa na Rua das Camélias; a minha parte na propriedade de fabricação de farinhas em Nazaré; as minhas singelas joias herdadas de minha mãe, como eu falei para o senhor eu sou devota de São Francisco e possuo várias imagens do santo em casa, inclusive um escapulário de ouro vivo, do século dezanove, que meu pai dizia valer mais que cem cabeças de gado, um presente do meu bisavô no dia do meu batizado...”

O sacerdote que ouvia calado a remissão dos pecados, ficou em silêncio por algum tempo, e depois disse palavras de benção e redenção à penitente, acrescentando: “tome cuidado com o escapulário, senhora. É uma relíquia que o Senhor Deus ofereceu à senhora e que deve ser muito bem guardado”.

Passaram-se duas, três semanas, mais precisamente às duas da madrugada de uma segunda-feira, Mariquinha é despertada por um barulho estrondoso vindo da sua sala de orações. Assustada, levantou-se da cama de camisola; acendeu a luz do candelabro de mão e, resoluto, encaminhou-se até o espaço de São Francisco, como ela denominava o seu ambiente de reza e meditação. Tomou um susto enorme quando viu o móvel antigo, uma espécie de cristaleira, onde ela guardava todas as suas imagens e esculturas sacras, estatelada no piso, com vários objetos quebrados e espalhados no chão. Mais adiante viu uma pesada escultura do santo esculpida em madeira nobre, escultura que ficava no alto do móvel e que rolava no chão coberta inteiramente de sangue. Ela não entendia o que havia acontecido ali. Olhou para o canto da dependência e viu a caixa que guarnecia o seu precioso escapulário de ouro. A caixa costumava ficar escondida atrás da escultura de madeira que estava banhada de sangue. Abriu a caixa e respirou quando constatou que o escapulário estava intacto. A sua preciosa joia sacra não havia sido violada. Olhou, então, de volta para o seu ensanguentado São Francisco de madeira e viu mais adiante um rastro de sangue que ia dar na porta da cozinha. Foi até a porta da cozinha — que encontrava-se estranhamente semiaberta — e vislumbrou na escuridão da noite um vulto de um homem de porte atlético, trotando cambaleante na direção do portão do fundo quintal. Uma coisa chamou à atenção de Mariquinha: o homem que fugia, aparentemente ferido, deixou escapular no chão um crucifixo de prata, que diferia dos demais crucifixos da cidade por possuir uma espécie de concha vazada no pé da cruz. Mariquinha olhou para o céu estrelado e, conhecedora de coisas da igreja de um modo geral, lembrou-se de aquele

modelo de crucifixo pertencia à ordem dos padres carmelitas. Ela parou, pensou e extravasou em latim: “miserere nobis, ora pro nobis”.

No dia seguinte ao incidente, Sinhá Mariquinha preferiu não contar a ninguém o estranho incidente ocorrido na sua casa durante a madrugada. Estava consternada e bastante decepcionada. Quando ia para a feirinha fazer compras, eis que encontrava a beata Maria do Rosário, amiga de longa data, que lhe transmitia uma notícia por demais esquisita:

“Você soube que bandidos tentaram assaltar o padre Alaor ontem à noite lá no fundo da igreja? Quase arreventam a cabeça do coitado. Teve que ser levado de ambulância para a capital. Parece que ele não volta mais”.

Sinhá Mariquinha parou, refletiu e devolveu à amiga uma sentença, aparentemente sem muito nexos:

“O padre Alaor parece que não gosta de imagens de santos, só de crucifixos. Deveria gostar de imagens, pois elas fazem milagres”.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

DIVULGUE PARA

MAIS DE

1 MILHÃO DE

SEGUIDORES

APENAS

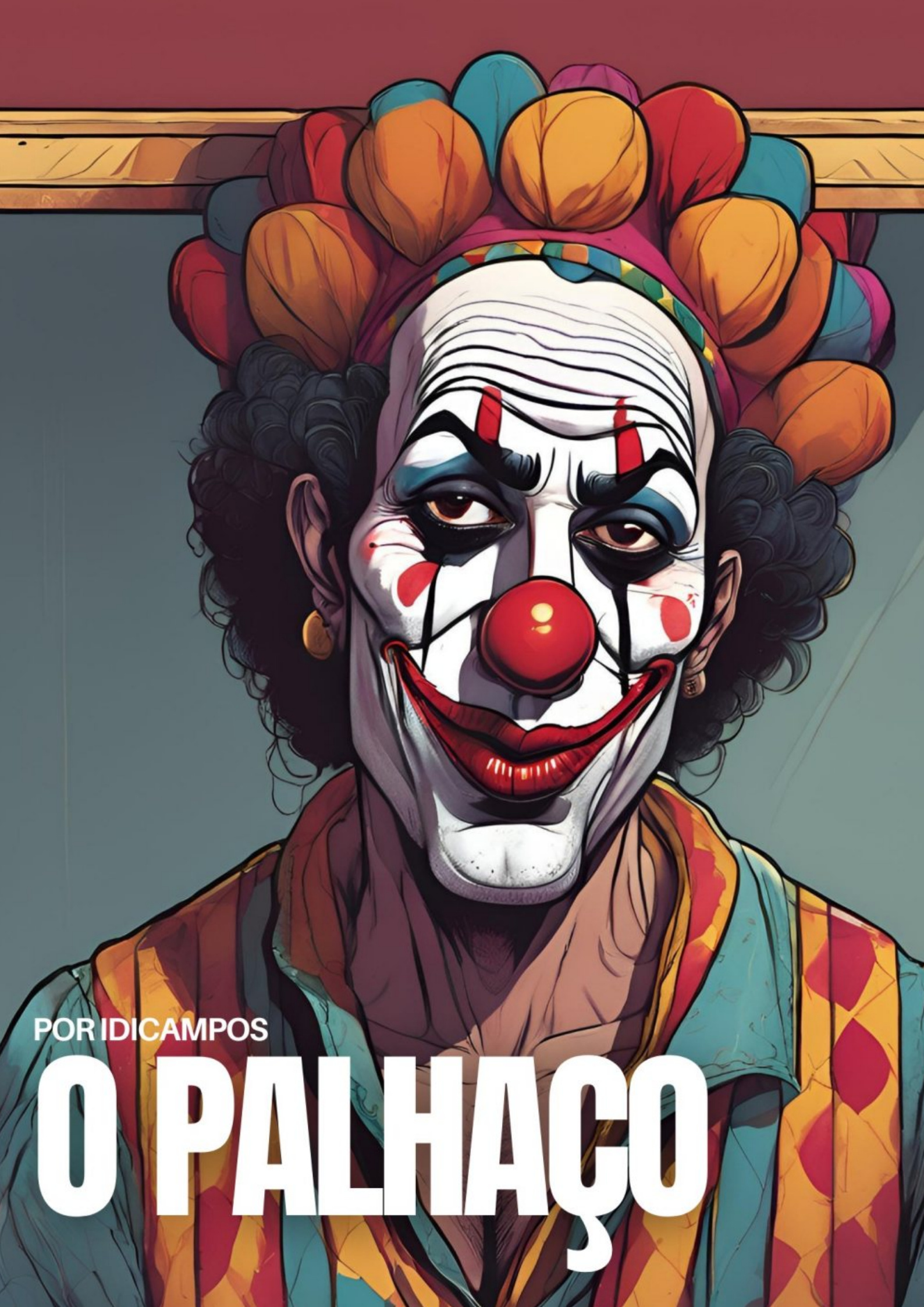
R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br





POR IDICAMPOS

O PALHAÇO

Ao tirar a maquiagem, entendia que no palco da vida era sempre palhaço, pois trazia uma bola vermelha no nariz, a roupa colorida, a careca postiça, a gravata cor de burro quando fuge. Naquela fantasia, possuía uma graça peculiar. A sua customização imbuía o perfil da esperança de fazer alguém feliz.

Esta alma jamais pisava na bola. Fazia questão de ser politicamente correta, dizer “muito obrigado”, responder aos detalhes da relação humana com gratidão; tinha por máxima nunca magoar ninguém.

Na cara estampava um sorriso bem palhaço, olhava pra miséria intelectual humana de cabisbaixo e fingia que não estava acontecendo nada... No entanto, via escondido atrás da testa o morador de rua tomando uma pernada do guarda municipal da prefeitura de Itaguaí.

Em Itaguaí, abaixo do nível do mar, esticou a lona, subiu no trapézio, engoliu fogo, enfiou a cabeça na garganta do leão, pilotou no globo da morte, vendeu pipoca, colocou cartazes nos espaços vazios da cidade com o slogan: “O circo chegou, venha visitar a felicidade”!

Abracadabra segura a marimba! Também foi pequeno, pulou corda, rodou pião, apedrejou o Judas no sábado de aleluia, tecou a gude no triângulo, entre tantas artes teve infância. Ademais, fazia da traquinagem um gesto de amor a vida. Descarregava a peraltice de menino no imaginário do circo; todavia fugiu de si pra ser adolescente, esticou a atitude e tornou-se adulto com um sorriso amarelo no centro do picadeiro.

O palhaço Abracadabra: o mágico, o motociclista, o pipoqueiro, o apresentador do espetáculo, o pai da contorcionista, o padastro do engolidor de facas, o tio da equilibrista. Todas são as personalidades do show incorporadas na mesma persona, juramentada no cartório de registros em Londres, no ano de 1942, testemunhada pelo céu cinzento da capital inglesa, com o nome de Abracadabra da Cruz.

Seu Abracadabra, pai de família, casado com a mulher da bilheteria, já passou dos oitenta anos. Conheceu vários países — rolou bastante — mas voltou à mesma região onde foi criado; retornou à terra predestinada a servir de dormitório aos trabalhadores da metrópole: o território da Baixada Fluminense.

Corre na mente do artista circense a cultura cigana, a arte da adivinhação, a irmandade com o mestre Charlie Chaplin. Um nômade por vocação, misterioso como qualquer mágico, quase feliz feito o palhaço, um poço sem fundo...

O domador de obstáculos expulsava de perto a angústia com simpatia, bebia caipirinha com adoçante para poupar o pâncreas; contudo, matava o fígado, aos poucos, de desgosto por causa da falta de empatia da plateia com o semelhante.

Abracadabra da Cruz vivia da bilheteria e da administração de Rosa. A patroa, muito econômica, controlava o movimento do dinheiro. Pouco lhe restava para a cervejinha, então enveredava nos bicos. Engrossava a renda com biscates: animava festas de criança, distraía aniversários de marmanjos, alegrava confraternização de fim de ano, sacudia o topete, conduzia a vida tipo fosse uma mágica.

A cicatriz no narigão denunciava o gênio forte, havia sido adquirida na infância, quando se negou a fazer rir um general de meia pataca. A contrariedade rendeu-lhe uma rachadura na ponta do nariz. Afinal, Abracadabra faz palhaçada desde pequeno, ocupava o lugar de escada nos números de palhaçaria do pai. Coadjuvante aplicado, adorava aparecer; possuía talento, nasceu pro negócio.

Abracadabra da Cruz descendia de um conde inglês, daqueles soberbos com cara de pirata. A maternidade ocorrera num celeiro de cavalos bem alimentados, num castelo de nome complicado. A mãe natural pariu o pecado escondendo o adultério. Ainda recém-nascido, foi deixado próximo à lona de seu pai de criação: o palhaço Cosquinha.

O Circo do Cosquinha, de origem europeia, rodopiava pela Europa no início da década de quarenta, em plena segunda guerra mundial. O elenco estava na Itália, em turnê, quando fora perseguido pelos fascistas, ameaçado de prisão e câmara de gás. Cosquinha nem pensou duas vezes: protegeu o clã cigano, ralou de Roma, exilou-se no Brasil, no governo de Getúlio Vargas.

Com uma mão atrás, outra na frente, Cosquinha fez graça na praça com seu filho. Passou o chapéu, comeu, bebeu, sustentou o grupo e conseguiu acomodar a família debaixo de uma lona em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

Abracadabra perambulou por ali durante a adolescência. Depois, ganhou o mapa do Brasil, atravessou a fronteira, conheceu a América Latina. Apaixonou-se por Rosa no Peru, trouxe pro Brasil uma descendente dos Incas.

O casamento transcorreu nas duas religiões: consagrado na morada do Xamã, em Cusco, assim como no rito cigano. Unidos em espírito, no compromisso de cuidar um do outro, brigam igual cão e gato. No entanto, parecem dois pombinhos, construíram um relacionamento sólido.

No lapso da memória, encostado no mastro central do circo, refletia uma sequência de sucessos e fracassos. Olhava o espaço vazio torcendo por uma casa cheia naquele dia, porque as contas insistiam em chegar. Precisava pagar os salários dos artistas, acertar o aluguel do terreno, o boleto da conta de luz, a fatura da água, a justiça do trabalho, etc.

Em Itaguaí, para liberar o espetáculo, suava a camisa. Dava trabalho a papelada da burocracia; o prefeito detestava rir, encrocava com a presença do circo no município, dificultava o quanto podia a manifestação cultural. Os fiscais pareciam traças, enfestavam o ambiente exigindo propina. A lei passava longe naqueles tempos, o cidadão valia o peso do bolso.

O mau humor do Prefeito Antônio Remela criou um processo inédito no tribunal estadual. Denunciou o Circo Abracadabra por assédio infantil. A peça processual argumentava a defesa da moral mas também dos bons costumes.

A prefeitura alegava que o circo contribuía para o comportamento alegre da criançada, comprometia a seriedade da sociedade local. Os pequenos assistiam aos

números artísticos, adiante davam cambalhotas, contavam piadas, faziam estrepolias, até queriam questionar a infelicidade dos pais.

O tribunal de justiça deferiu a favor da arte circense, garantiu, no julgamento, a felicidade da comunidade. Enfatizava o direito de lazer como princípio do exercício da cidadania.

Os vereadores retrucaram, fortaleceram o chefe do executivo municipal, votaram uma lei proibindo o sorriso nos finais de semana. Alegavam que, perante a tristeza das guerras, da fome no mundo, das doenças incuráveis, das lágrimas da humanidade, sorrir representava um pecado irreparável.

O Bloco Carnavalesco Bomba Nunca Mais foi pra rua desfilando, com indignação. Os integrantes reivindicavam mostrar os dentes no almoço de domingo, no abraço amigo da pelada, na comemoração do gol da seleção brasileira. A rapaziada enfiava a baqueta no instrumento contra aquele absurdo de mau humor.

Os poetas, nos bares, declamavam poemas sobre o fim do mundo; os violeiros entoavam músicas de cotovelo. Todos vieram pra se divertir, a cidade reagiu à imposta infelicidade.

O prefeito Remela, teimoso, manteve a intransigência. Molhou a mão do delegado, garantiu a repressão. Os ignorantes embargaram o sorriso, penalizaram o abraço e transformaram em contravenção toda forma de afeto.

Os artistas sumiram de Itaguaí, os professores partiram para ensinar boas maneiras longe da tristeza, os menores convenceram os pais a sair do município. O circo Abracadabra desistiu da briga, levantou a lona rumo à plateia cheia de alegria.

O palhaço armou acampamento em Val Paraíso, pertinho de Itaguaí, nas barbas do desafeto. O Circo Abracadabra da Cruz aglomerou o povo, transgrediu com a maldade, empoderou a acrobacia, acelerou o pensamento em alta velocidade, venceu o medo da morte e ganhou a eternidade à procura da verdadeira felicidade.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**





POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

ME VEJA

Domingo, final de tarde. Tarde com tons esmaecidos, abafada, num misto de céu nublado e luminosidade opaca. Ela estava lá, prostrada na janela do apartamento, no primeiro andar, escancarada para a área social do prédio em que residia há vinte anos, composta por um pequeno jardim, postes de iluminação pintados de cinza, dois bancos de cimento escuro e pequenos vasos, depositados de modo esparso no chão.

Residia sozinha, há tantos anos que nem se recordava mais desde quando. Fora casada, é bem verdade, mas após sete anos de um convívio turbulento, José Bonifácio lhe comunicou estar de mudança, com mala e cuia, para a casa da amante.

Entre perplexa e enregelada, percebeu com exatidão o ocorrido apenas uns três meses depois. Desmanchou-se em lágrimas e alardeou com intensidade aos quatro ventos todas as pragas e injúrias que poderia conceber. Mas de nada adiantou, continuou ali, espectadora da própria existência, refém da imagem ilusória que criou sobre o bom homem que a amava profundamente.

Não teve filhos e trabalhou com afinco até se aposentar como funcionária de uma empresa que fabricava detergentes. Trabalhava na área administrativa e sempre pode contar com aquisição dos produtos a preço módico. Nem entendia direito a razão de possuir tantos litros de detergente estocados no armário da despensa. Não possuía muitas louças para lavar após as refeições exclusivas, preparadas para ninguém além dela mesma.

Porém, ainda que com algumas agruras, não se sentia infeliz em sua essência. Sim, os amigos eram raros, o amor se mostrou uma falácia, a família era entre distante e impessoal a extinta...mas era independente. Tinha seu espaço. Não precisava rigorosamente de ninguém para existir. Levava-se para passear, conversava com desconhecidos, fazia novos amigos, ainda que dentro da superficialidade que o conceito demandava nos dias atuais. Era livre, na medida factível do termo.

Livre? Talvez dentro do que lhe era franqueado, sim. Livre. Lia os livros dos quais gostava. Assistia seus filmes, sem pressa, reprisando-os quando sentia vontade, sem necessitar de justificativas. Amava suas plantas, seus animais de estimação. Um poodle chamado Joaquim acompanhou-a por dezesseis anos, sendo o último falecido da sucessão de pets. Acreditava, não obstante o fim inevitável, que Joaquim partira rumo ao céu dos caninos. Achava que ele existia, ainda que algumas dúvidas a visitassem.

Hoje, no auge dos seus oitenta e três anos, era-lhe suficiente ver a vida passar à sua frente. Ainda estava lúcida e dona de si. Contratara Maria Helena como funcionária mensalista, a qual cuidava dos afazeres domésticos e da alimentação. Já estavam juntas há diversos anos. Não havia motivo para mudar essa dinâmica, que lhe assegurava rotina equilibrada e lhe outorgava certo sentimento de segurança. Felizmente pode contar com as economias dos pais, falecidos há séculos na sua percepção, além de sua aposentadoria e assim, dispensava, com prazer, a curiosidade ambiciosa dos sobrinhos distantes. Amor fingido, não!

Talvez se pudesse mudar algo em sua vida, seria o modo como as pessoas que transitavam logo ali, na área social do condomínio, olhavam-na. Entre indiferença e certa irritação, ao menos era assim que lhe parecia. Pensava ela: vai ver que estão falando para si mesmos, mas que velha enxerida, se metendo na vida dos outros....sorria discretamente ao ler as mentes ambulantes e apressadas. Mas apressadas, Deus, para que mesmo? Ah, que vida sem sentido essa de correria e ansiedade...

Não raras vezes, quando alguém olhava com ar contrariado para cima, em sua direção, levantava o braço e fazia um gesto com a mão direita, como um pequeno “adeus”. Contudo, após um “bom dia” ou “boa tarde” a contragosto, em regra todos seguiam seus caminhos sem qualquer demonstração de impacto com o encontro.

E quando não estivesse mais ali, junto à janela? Alguém se lembraria dela? Alguém se importaria com a senhora idosa do 101? Provavelmente, não. Porém, isso não lhe parecia inusitado. Era o modo de funcionamento do planeta. Indiferente, egoísta, insípido. Mais interessantes eram os animais de estimação, tão amorosos e generosos. E ela era uma velha. O que valia para o mundo alguém com sua idade e aparência? Num mundo de jovens “perfeitos”? Mas realmente, eram perfeitos ou perdidos, empobrecidos, interesseiros, ignorantes, confusos, viciados em drogas inimagináveis, inovadas constantemente pela indústria química marginal, dentre outros hábitos?

Eram tantas perguntas sem respostas. Só sabia que gostava de ficar ali, vendo a vida passar. Imaginando histórias de vidas daqueles personagens em profusão, ora coloridos, ora desbotados, ora silenciosos e outras vezes, ensurdecidos com seus monólogos infinitos e seus sorrisos opacos.

Não foi sem surpresa que, às 18:10 horas do domingo de tarde abafada, aproximadamente, ouviu uma voz infantil oriunda do canto direito da área social.

-Oi, vó!

Era um menininho de uns cinco ou seis anos, não mais, que a olhava firmemente, abraçando uma bola com losangos pretos e brancos. Ou ao menos assim lhe pareceu.

Que estranho, essa criança deve ter alguma característica especial para me enxergar. Era com ela mesmo que estava falando?

Novamente, a vozinha infantil persistiu:

-Vó! Que você tá fazendo aí sozinha? Desce aqui para jogar bola comigo, vai!

Mas que convite inusitado! Era de fato quem o garoto gordinho chamava!

E de súbito, algo similar a alegria pareceu inundar-lhe o coração como um lampejo de vida. Enfim, tinha alguma importância para alguém! Não podia decepcionar o garoto. Fez um gesto com a mão espalmada para a criança aguardar.

Saiu, enfim, da janela. Calçou os chinelos confortáveis. Estava bem para descer, com um vestido largo azul, bastante florido. O cabelo na altura dos ombros estava um pouco desgrenhado. Prendeu-os com um elástico, formando um rabo de cavalo baixo. Não queria assustar seu novo amigo.

Um pouco trôpega, caminhando com pés pesados, numa marcha certamente arrastada, pegou o elevador e, no térreo, caminhou até o menino, que ao vê-la abriu um enorme sorriso, corado por dentinhos pequenos e brancos.

Àquilo não pode resistir. Devolveu o sorriso e estendeu ambas as mãos paralelamente, sob a forma de conchas, sinalizando ao garoto para que lhe mandasse a bola.

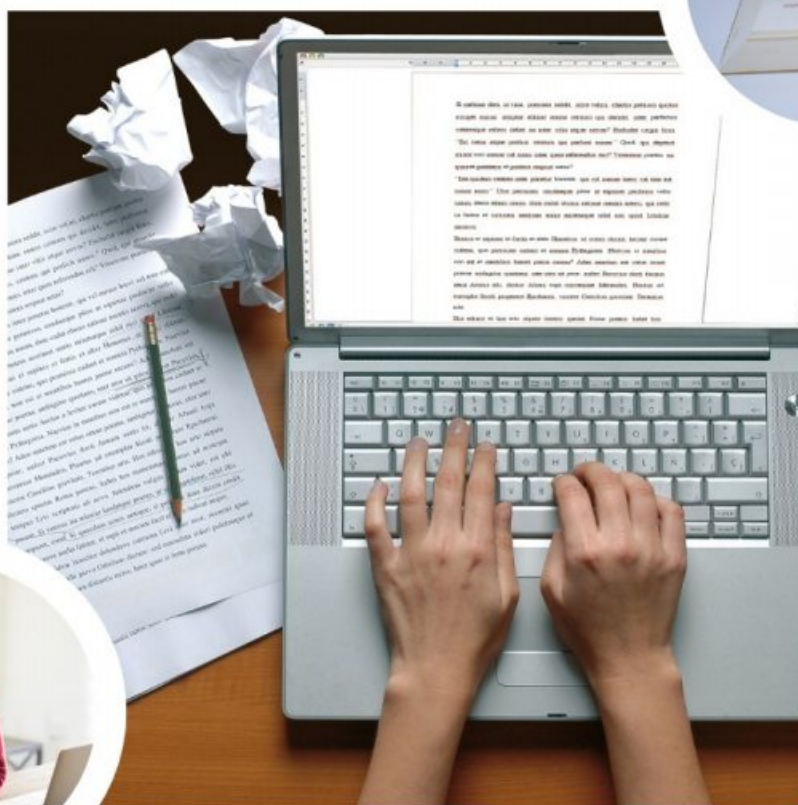
E ali, à noitinha quase, os dois se viram e se apreciaram, como dois seres humanos valiosos e complementares, divertindo-se sem passado ou futuro, concentrados em não deixar a bola ir ao solo.

Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR SIMONE BASTOS PAIVA

COMO UM FILHOTE DE PASSARINHO

Era um final de tarde de outono, quando Sofia sentou ao lado do seu pai octogenário, viúvo, que estava em uma cadeira de balanço, na sala de estar. Os cabelos brancos, as pernas finas e o olhar perdido, não deixavam dúvida quanto à passagem do tempo. Ainda havia consciência, mas a voz era quase inaudível; a conversa era mais visual, por meio do olhar. Ela se esforçava para compreender os sinais e os gestos, nem sempre tão óbvios.

A filha posicionou-se para uma das principais tarefas — ou talvez, a principal — do seu dia a dia, nos últimos tempos: dar-lhe de beber. Colocou as luvas, pegou uma xícara pequena com um pouco de água filtrada, que estava em uma bandeja, mergulhou uma compressa de gaze estéril no líquido e elevou a mão até a boca do genitor, como um conta-gotas.

Seus olhos fixos e a boca entreaberta pareciam sedentos por este momento. Ele começou a sugar cada gota de água, lentamente, como um filhote de passarinho que abre a boca para ser alimentado e matar a sede. Aos poucos, com o estímulo, apertou a gaze entre os lábios para apreciar o líquido precioso, como se estivesse em um deserto. No seu íntimo, Sofia pensava: *Aqui, eu existo... aqui, sou necessária!*

Já fazia algum tempo desde que uma jovem médica, de uma forma direta e fria, no período de uma internação hospitalar, disse-lhe que o seu genitor teria problemas na deglutição e não mais conseguiria se alimentar pela boca, que esta seria apenas uma via de conforto. *Como assim? Não pode ser!* questionou. A partir de então, toda a alimentação seria por uma sonda de gastrostomia (GTI), conectada diretamente ao estômago.

Após se refazer do susto e da indignação, Sofia informou-se sobre a nova realidade, para compreendê-la e desmistificá-la, sem, todavia, romantizar a situação de ter o pai que, há pouco, tinha uma vida saudável, apesar da idade, e agora, não mais conseguiria ingerir alimentos sólidos ou líquidos, em uma condição definitiva na vida. Aos poucos, a nova situação alimentar do seu pai se estabilizou.

Um cenário difícil e invisível que certamente está presente na rotina de inúmeras famílias, não apenas pelo fator etário, mas por vários motivos. E só nos damos conta quando alcança nossos lares. Trata-se de uma situação que acarreta a dependência de artefatos e cuidadores para a sobrevivência e o bem-estar de seres humanos, devido a quadros clínicos limitantes, temporários ou permanentes, que exigem uma adaptação e uma nova conduta diante da vida.

Quando jovens, jamais pensamos que algum dia nossos pais não conseguirão se alimentar por conta própria e necessitarão de terceiros (e, possivelmente, de nós) para receberem os nutrientes necessários à vida. Uma inversão de papéis. Naquele momento, Sofia também refletia: *Ah! Se os jovens soubessem sobre o futuro... não perderiam nenhum momento com os seus pais. Degustariam um churrasco juntos, como se fosse o último. Comeriam caranguejo com as mãos, sem cerimônia. Se emocionariam a cada brinde. Tomariam sorvete de goiaba no final da tarde... E quando lhe perguntassem por que seus olhos lacrimejavam... diria, apenas, que não é nada!*

Nos caminhos que a vida nos leva, de repente, nos damos conta de como vivenciamos, no modo automático, o momento sagrado da alimentação, sem percebermos o privilégio que é ter o que comer, poder escolher e, ainda, conseguir comer. *Aquele que antes era o provedor de alimentos da família, atento para que nada faltasse e todos tivessem uma vida saudável, agora, não consegue se alimentar por conta própria,* constatou a filha.

Faltam-lhe a força e a coordenação para erguer os talheres, realizar a mastigação, saborear os alimentos e deglutir com segurança.

Esse ritual, necessário à subsistência humana, tem em si uma simbologia cultural, desde a escolha dos produtos, passando pelos utensílios, locais, rituais, até os afetos presentes no ato de preparar e ofertar a comida... É um momento de encontro familiar e social, de conversas, de risadas... mesmo na pressa do dia a dia. Ao contrário do que imaginamos, pode ser que nem sempre seja assim... e um dia sentiremos falta desses momentos quando só restarão as cadeiras vazias e os espaços, nas mesas e nos encontros... e uma saudade que chega a doer.

Em sua quietude, Sofia também rememorava momentos que não mais acontecerão para o seu genitor. As refeições diárias — o feijão-verde com a galinha caipira no almoço, o cafezinho da tarde com torradas, a sopa de legumes no jantar... — a feijoada aos domingos, os bolos decorados nas datas natalícias, as comidas de milho nas festas juninas, o champanhe e o queijo do reino no Natal... *Que tristeza, uma vida sem paladar, sem sabores...* pensava silenciosamente.

Sofia sentia-se angustiada por não poder lhe proporcionar mais essas ocasiões, como se fosse algo que dependesse do seu querer. Apesar da aura de tristeza, havia certa felicidade com aquela presença acolhedora e o sorriso cativante. A demência senil e a lucidez limitada do pai amenizavam o cenário, cabendo a ela o esforço para suavizar a nova condição incapacitante.

Saciar a sede do pai significava para a filha um momento sublime e de paz. Para ela, tudo para. *Nada me emociona mais na vida do que esta missão, como se eu fosse uma mãe passarinha a alimentar o seu filhote, na volta ao ninho*, refletia Sofia em seu coração. Um misto de paciência, cuidado e muito amor... estão presentes. É dar-se conta de que um tempo que parecia longínquo chegou, é ter gratidão pela convivência amorosa e comover-se pelo que não será mais vivido.



Simone Bastos Paiva - Natural da cidade de João Pessoa, Paraíba. Bacharelado em Ciências Contábeis (UFPB) e Pós-Graduação em Administração (UFPB). Ex-Professora da área de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou alguns contos e crônicas em Coletâneas e Revistas Nacionais.

**DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA**



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES



POR VALÉRIA GUERRA REITER

A MALDIÇÃO DO DESTINO MANIFESTO

Billy Jesse não entendia nada de pintura, mas atirar era seu melhor dom. O homem estava ajoelhado perto do berço de uma criança de uns seis meses. Ele sacou seu chapéu e colou ao peito, enquanto fitava o pequeno. E depois de alguns segundos de observação, disse: Nasceu mais um corajoso herói do Oeste, e ele fará a diferença nestas bandas. O titio levou seis longos meses para vê-lo.

Fora daquela casa humilde, cravada no meio da Califórnia dos idos de 1873, um homem de estatura média, cabelos ruivos, olhos azuis, e esporas, caminhava na companhia de seis comparsas. Seu destino não poderia ser outro: roubar outro banco, assaltar outra diligência, ou um trem.

A aridez do lugar era visível, através do calor suspenso no ar. Uma mulher morena permanecia à porta daquela quase cabana, suas vestes estavam amassadas, e os cabelos desgrenhados, pareciam não terem sido nunca lavados...

Lá dentro, o sobrinho de uma das lendas vivas do Velho-Oeste chorava. A moça aparentemente triste foi em sua direção, pois já era hora da mamada. Ela entrou. E uma mulher com cabelos loiros, alta e pés descalços, a fitava, no meio da sala. A tal mulher que dentro da choupana estava de tamanho natural, ao sair lá fora, se tornou imensa, e começou a seguir os homens montados em seus animais, que cavalgavam rumo a mais um intento ilícito; ou cruel, como quiserem classificar...

Uma águia de cabeça branca cortava o céu, naquele momento azul, e o sol a pino estava faiscando. O bando de Billy Jesse seguia seu destino.

Richard quebrou o silêncio da caminhada, aos quinze minutos, dizendo: Será que os ianques já chegaram lá? Onde? Perguntou Billy. No Missouri. Bem, eu acho que se estiverem por lá, saberemos muito bem como agir, completou Jesse.

Frank, irmão de Billy, deu sua opinião sanguinária: É melhor ficarmos calados, matar também é nosso ofício, temos muito que caminhar até os cavalos, e os índios escutam até os nossos pensamentos. Não quero gastar munição com aqueles ratos imundos.

O homem e a máquina, sempre se confrontaram, e, também se completaram. O cavalo de ferro, como muitos chamavam as locomotivas, na época das ferrovias nascentes vieram para levar o “progresso” aos homens e mulheres estadunidenses, porém muitos perderam seus ranchos para o interesse financeiro, que iniciava uma marcha incessante que desejava expandir os territórios no grande oeste.

Em meados do século XIX, os EUA tiveram um grande crescimento territorial. A descoberta de ouro na Califórnia, em 1848, levou milhares de famílias e aventureiros para a “Corrida do Ouro” ou “Marcha para o Oeste”. Ferrovias, estradas, instalação de telégrafo e a oferta de terras pelo governo estimularam o fluxo migratório. Os estadunidenses acreditavam ser o povo eleito por Deus para civilizar o mundo e destinado a um futuro glorioso e de progresso. Nasceu, assim, a ideia do “Destino Manifesto”, um pensamento nacionalista e expansionista.

A Guerra da Secessão entre o sul e o norte dos Estados Unidos foi sangrenta, morreram 970 mil pessoas. E uma das motivações do acontecimento partiu dos fazendeiros sulistas escravagistas, que não desejavam a liberdade para os escravos. Afinal, com esta mão-de-obra farta e barata, seus latifúndios prosperavam...

Billy Jesse, nascera em uma fazenda no Missouri, centro-oeste dos Estados Unidos. Claro que a família prezava os valores escravagistas, de forma mais suave, porém confortável, típico da época. Mas para a alma de Billy, demasiadamente inquieta, este conforto era enfadonho; e seu espírito era exaltado. O sossego da vida no campo não era nada estimulante. Por isso buscava aventuras e conquistas radicais.

Depois de léguas de distância percorridas a pé, os rapazes encontraram a choupana onde estavam seus cavalos apeados.

Billy estava exausto, pois atravessara o deserto do Mojave, na Califórnia em direção ao Missouri, Ele tinha uma missão nova, mas antes precisaria dormir dois dias seguidos, para se recuperar. Depois disso iria assaltar um trem e um banco. Os xerifes estavam de olho nele, pois sabiam o quanto Billy Jesse era arisco.

O ronco do filho do Missouri era alto, ele era jovem, mas desde pequeno tinha apneia do sono. Na fazendola dos pais ele dormia tranquilo. Sua mãe estava na cozinha preparando um belo assado com batatas para o jantar daquele que era seu filho preferido. Mal sabia ela, que seu rebento de vinte e cinco anos iria dormir exatos dois dias., se alimentando de sono, e de sonhos. Ela percebeu que o rapaz estava exausto, corroído pelo extremo cansaço, e então jantou sozinha, já que Frank, o outro filho, havia saído, e ainda não voltara.

A varanda da fazendola era bucólica, com duas cadeiras de balanço, e um tapete de pele de búfalo, que dava ao local um toque especial”, a senhora Widemann gostava de cochilar sentada ali, por horas”. A vida era calma, mas Isla não podia ficar totalmente relaxada em seu alpendre sabendo que seu amado Billy poderia morrer a qualquer momento. Afinal, ele era considerado um fora-da-lei.

Será que Deus realmente está do lado de minha família? Refletia a senhora Widemann, olhando a terra ao seu redor, e escutando o ronco de Billy Jesse. Para ela aquele ronco era como o suave canto do cardinal. Quando ele dormia, ela o tinha seguro ao seu lado, parecia um bebê, em seu leito. O sossego da matriarca, e viúva Isla durou apenas meia hora naquele segundo dia de sono do seu filho fadigado. Um barulho inconfundível de trote inundou o ambiente sagrado daquela mãe zelosa.

ONDE ESTÁ BILLY? Urrou um dos bandoleiros do grupo de dez. A senhora que estava com uma imagem de santa entre as mãos, apenas olhou na direção do grupo e nada disse. Seu coração pulava no peito...

Um deles atirou na outra cadeira de balanço, a esfacelando. Em seguida um tiro acertou a cabeça do atirador. Os outros não negaram fogo e atiraram na mulher, que caiu sem vida no chão de madeira. De dentro da casa alguém atirava e atirava, e os nove homens foram caindo no meio das amoreiras, em frente a casa principal.

NÃO MÃE! VOCÊ NÃO! gritava um jovem de ceroulas que trazia uma espingarda de cano duplo, a qual atirou no chão de terra, ao longe, em um ato de intensa revolta e comoção. Ele sacudia aquela mulher, ainda jovem, talvez uns 45 anos, que jazia inerte no solo. O homem chorava copiosamente e gritava que viveria para matar todos aqueles que originaram a morte cruel de sua amada progenitora.

O pai de Billy já havia falecido há cinco anos, e sua mãe resolveu que não casaria de novo, ela tocava o rancho ao lado de seus três filhos: Billy, Frank e John. O padre local foi chamado por Frank, ele encomendaria a alma da mãe de família assassinada, e o

funeral daquela mulher, que tinha fé em Maria, em Jesus, e na senhora do Destino, como ela chamava a mulhe no quadro que ganhou: uma réplica da pintura original, que John havia lhe presenteado há um ano.

Sua mãe havia ganho uma réplica do quadro pintado por John Gast, pintor nascido em Berlim, e que havia retratado a peregrinação em marcha daqueles que desbravariam o oeste norte-americano. Desbravar o Oeste, parecia um destino calculado pelo próprio Deus. A mãe de Billy, quando viu a mulher do quadro. Pensou ser uma santa redentora do povo nascido e renascido das Treze colônias, agora libertas. A saudade que ela sentia de seu filho caçula, que fora para o oeste seguindo a manifestação de Deus era mui grandiosa. Ele se casou com uma índia comanche.

A pequena igreja católica do condado de Manchester city estava lotada, todos os habitantes estavam presentes para o velório da senhora Isla. Frank e Billy esperavam a chegada de John, mas sabiam ser muito difícil que ele viesse a tempo, pela distância a vencer, seria penoso demais a esposa, a “Pequena raposa” e o pequeno Andrew. A tristeza era visível nos olhos dos irmãos Widemann. Do lado de fora estavam os homens do bando de Billy Jesse. Eles mantinham a segurança do comparsa, e iriam dar as salvas de tiros, ao findar o enterro daquela que para Billy, era tudo.

Billy, o que achou de John não ter vindo... será que aquela índia não o deixou vir... disse Frank bufando. Billy respondeu entre lágrimas — Eu prometi a mãe, que não faria nada contra ela. E terei que cumprir a promessa, a não ser...

e Frank retruca: - A não ser...

Billy — A não ser que John e meu sobrinho estejam correndo algum risco...

Billy — A última vez que fui lá visitar o menino, John não estava presente, tinha ido aos laranjais, e ela estava sozinha, desde o início da visita, ela nada disse, depois ficou na soleira da porta me vendo partir... No início do percurso, por sorte encontrei John, que me pareceu mais magro e cansado, afinal a vida no Oeste, naquele deserto, não é fácil. E mais um detalhe, durante o percurso senti uma forte presença, uma presença maldita, parecia estar nos seguindo... depois cheguei em casa, e dois dias depois, aconteceu tudo com nossa mãe.

Frank apenas meneou a cabeça positivamente, os dois irmãos eram unha e carne, já o caçula, J era mais afastado, desde que Billy matou o pai da “Pequena Raposa”, em uma emboscada. E para não matar seu irmão, John seguiu em marcha para o Oeste, com a finalidade de recomeçar vida nova. Alguns diziam que a esposa comanche de John via o fantasma de uma mulher gigante, que voava com vestes brancas, e toda vez que a via, era um aviso que morreria alguém.

Billy Jesse estava marcado para morrer, ou pelas mãos das autoridades, ou pelas unhas de grupos rivais, ou sob as flechas dos índios. Afinal, ele havia eliminado um chefe comanche importante, sem saber que era o futuro sogro de seu irmão. A emboscada era para eliminar Billy e seu bando, e o índio participou apenas para ganhar alguma fama de herói, às avessas.

Amanheceu o dia após o funeral de Isla, e Billy entrou no quarto de sua angelical mãe, e resolveu olhar seus pertences, e dentre terços, cruzes, moedas, e cartas, achou a réplica da pintura, onde figuravam detalhes emblemáticos: as pessoas estão em rota, algumas montadas em cavalos, outras caminhando, há carroças também; e flutuando no

meio da tela, há uma dama de cabelos longos e loiros, vestes alvas e esvoaçantes... ela parecia guia-los... não se sabe se para o bem o para o mal...

Ele fitou aquela imagem, que sua mãe guardava há um ano, e que ele nunca havia visto. Ele ficou embevecido com tamanha beleza naquela obra de arte, e então mostrou a Frank, perguntando se deveria colocar em um quadro, aquela maravilhosa lembrança de Isla Widemann. Frank aprovou a ideia. E na sala do rancho, foi pendurado o quadro: onde atrás estava escrito: Esta mulher é uma santa que guiou o destino desta nação. Assinado: Jonh Louis O” Sullivan, jornalista.

O tempo implacável em sua missão passou, e em dez anos decorridos, Billy conseguiu permanecer vivo, mas perdera a mão esquerda, em um confronto, após um assalto a um rancho. Seu irmão John só conseguiu voltar a terra natal, depois de um decênio, em um belo dia primaveril ele chegou à fazenda de Billy e Frank. Na garupa ele trazia Andrew.

O menino estava belo, olhos azuis e pele morena, cabelos castanhos e lisos. Infelizmente a mãe do jovem havia contraído tuberculose, e morreu quando ele tinha apenas quatro anos. John foi pai e mãe a partir daí.

Ora, ora, que rapagão está aquele bebê que vi há dez anos. E você John parece mais forte, disse Frank. E John, aparentando descontentamento, olhou par o quadro pendurado na parede e lamentou o ocorrido com sua mãe. Já, o meninote, quando viu aquela pintura, exclamou: Onde está ela? E seu pai questionou — Ela quem? e o menino respondeu: Manifest Ghost

Billy ficou apavorado, e olhou para Frank e John com preocupação. Depois olhou para o quadro com mais atenção e percebeu que a mulher esvoaçante não estava lá. Mas resolveu continuar guardando aquele segredo (de não ter visto a imagem alterada), e durante o jantar falaram sobre Isla com saudade.

Pela manhã, John quis ir ao cemitério para visitar o túmulo da mãe, que ficava bem perto, bem na divisa das terras da família. Saíram juntos John e Frank, mas Billy não quis ir, pois não queria se emocionar. O pequeno Andrew também resolveu ficar fazendo companhia ao tio, que mal conhecia. Andy, como era chamado carinhosamente pelo pai se sentou na cadeira de balanço da avó, e fechou os olhos, quando abriu, viu uma mulher gigantesca e alva, com roupas brancas e pés descalços voando com uma espingarda nas mãos. Ela entregou o artefato ao garoto e em pensamento ordenou: - Mate Billy Jesse agora! e vingará seu avô materno.

Billy estava assoviando na cozinha, e fazendo uma sopa de legumes para o almoço. Ele escutou uma risada e um cântico que dizia assim; “Guiei a morte a todos que atravessaram o caminho do progresso, minha missão é conquistar, matar e destruir aqueles que se insurgem contra os E.U.A da América”, ele ficou atônito, e procurou aquela voz... mas o que ouviu foram dois estampidos, ele acorreu a sala para ver o que seria, levou as mãos ao peito, e caiu no solo, se esvaindo em sangue, olhou para o quadro, e percebeu a mulher lá, como de costume, ela sorria, com sangue nas mãos...

Quando John e Frank chegaram, dez minutos após o ocorrido, não acharam Andy, só havia o corpo de Billy em uma grande poça de sangue. Frank olhou em frente, e viu o quadro mui bem pintado, e normal, exatamente como no link, ao final de este texto demonstra.

Dizem que o fantasma de Billy ainda está procurando o seu sobrinho para se vingar. Assim, como também procura os mandantes da morte de sua amada mãe Isla. Talvez a profecia de Billy tenha se cumprido: "nasceu mais um corajoso herói do Oeste, e ele fará a diferença nestas bandas. Afinal, Andy conseguiu um feito heroico: eliminar o fora-da-lei mais procurado daquelas bandas".

Reza a lenda, que o menino fugiu dali apavorado, depois que atirou no tio, através do destino manifesto, e foi morar com seus conterrâneos comanches, no Sul. Porém, John nunca mais o encontrou na face do que hoje conhecemos como o Velho Oeste.

Richard Kennedy, integrante do bando de Billy Jesse, em seu leito de morte no início do século XX, confidenciou a John Widemann, que constantemente via os fantasmas de Billy Jesse, e de Andy "Olho de Águia" atirando um no outro, em um looping sem fim, e sob o olhar da dama do quadro do Destino Manifesto...

Nesta mesma data, John voltando da visita ao amigo Richard, quando faltava apenas um quilômetro para chegar em seu rancho viu uma índia comanche no colo de uma mulher gigante que voava no ar, Quando o irmão de Billy Jesse conseguiu cavalgando desesperado, chegar a casa; e preparava um banho em sua tina (herança da mãe); sentiu uma imensa dor no dorso, e viu respingos de sangue perto da tina cheia de água.

Após dois dias, ele fora encontrado morto, boiando dentro da tina, por seu irmão Frank, agora um senhor de 75 anos. Nas costas de John, havia uma machadinha indígena cravada.



Imagem da pintura referida no conto: A MALDIÇÃO DO DESTINO MANIFESTO (Divulgação)

Valéria Guerra Reiter é atriz com registro no SATED-RJ. Jornalista, historiadora, bióloga, escritora com algumas premiações, inclusive aqui neste projeto. Várias vezes integrante de antologias na Perse, no projeto APPARERE. E-mail: escritordeluz@hotmail.com

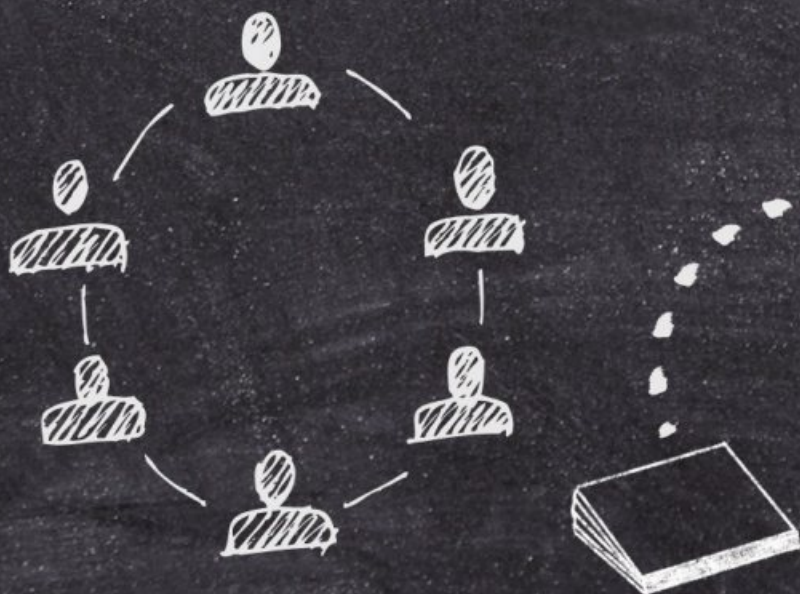


MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA





SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica

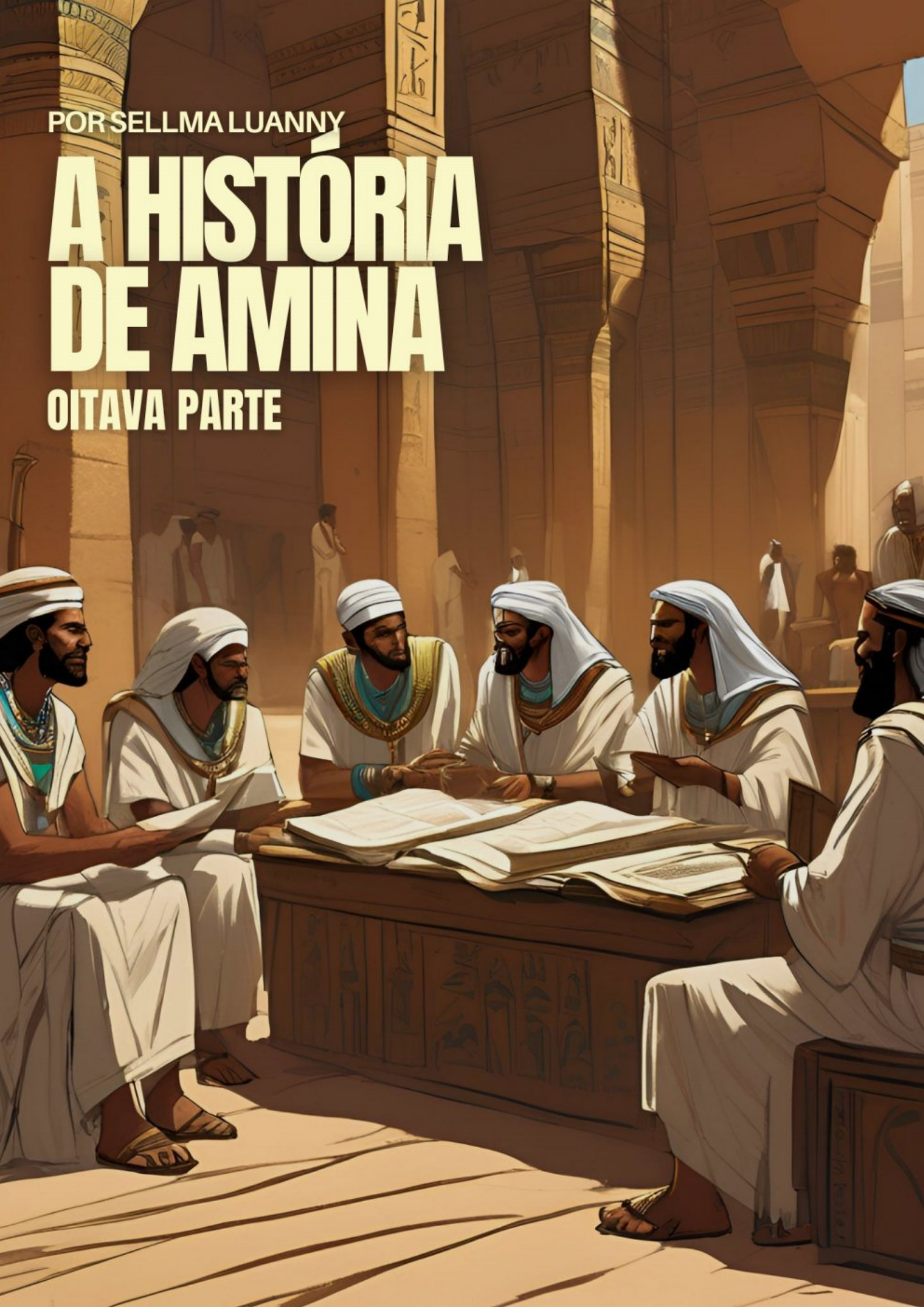


www.instagram.com/conexaogramatica

POR SELLMA LUANNY

A HISTÓRIA DE AMINA

OITAVA PARTE



AMINA EM TADMOR*

Íde/Amina tinha prioridades em mente. A primeira, depois de arrumar uma hospedagem simples e barata, era a de visitar médicos/parteiros e curandeiros da cidade. E assim foi.

Indagar pelas direções não era difícil, principalmente se perguntasse às mulheres. Mas todos viam com reservas, mesmo as mulheres, um indivíduo do sexo feminino que viajava e se hospedava só. Teria que ultrapassar estes preconceitos, para poder sair e investigar na rua e nos grandes edifícios.

Após andar por quase uma hora, seguindo uma informação sobre um médico que tinha alguns aprendizes e atendia também os mais abastados da cidade, chegou a uma edificação simples mas com várias dependências, contendo até um poço d'água fresca.

Ao adentrar a edificação, identificou-se e pediu para falar com o referido médico — responsável pelo local.

Quando o médico a atendeu, rapidamente viu que não se tratava de alguém à procura de atendimento para problemas de saúde. Íde disse que viera da Grécia e que adquirira cerca de vinte anos de conhecimento e prática médica com os melhores daquela região. Aquele médico, dez a vinte anos mais velho do que ela, apesar da incredulidade inicial, aceitou a proposta de Íde de demonstrar os seus conhecimentos médicos, a partir daquele dia, sob a supervisão dele, sem quaisquer retribuições iniciais, quer em dinheiro ou outras formas de pagamento, com exceção de uma refeição diária, no local de trabalho.

Ele era uma pessoa inteligente, dedicado às suas atividades em prol da saúde e sentia que o caminhar para a velhice o forçava a enxergar a necessidade de renovar o seu pessoal e melhorar o atendimento ao povo. Além dos seus ajudantes, não encontrara ainda ninguém com conhecimentos mais profundos que os seus até a chegada de Íde e o que ela demonstrava na conversa inicial. Daria uma chance a ela.

Íde começou a ajudá-lo imediatamente. Ela o auxiliava e respondia ao seu questionamento sobre cada situação ou doente que surgia. Foi um dia com muitos atendimentos mas nada muito grave. E ela viu-se útil pela primeira vez desde que saíra do Egito. A sensação era de bem-estar e quase tranquilidade pois sentia que podia ser o recomeço num lugar estranho mas ao mesmo tempo familiar — perto das suas origens.

Com o passar de uma semana, o seu "chefe" e colegas já a viam com menos reservas e mais admiração. E Íde foi-se mostrando profissionalmente, aos poucos, para não provocar reações inadequadas — possivelmente até de inveja dos outros colegas — ou suspeitas sobre a sua vida pregressa.

Após vários meses, ela sentiu-se mais respeitada e mais confiante em continuar a trabalhar naquele meio e cidade. E as pacientes que chegavam ou chamavam por um

médico, se já tinham ouvido falar sobre a prática médica de Íde, pediam para serem atendidas por ela.

O seu trabalho foi ganhando fama e, após um ano, já começava a ver os frutos dele, na forma de uma percentagem dos pagamentos ou ofertas — devido à pobreza ou simplicidade de grande parte dos doentes, os pagamentos eram muitas vezes na forma de mercadorias ou produtos que cultivavam. Recebia peças de vestuário, calçados e muitos produtos comestíveis.

Íde foi se acostumando com aquela vida e local. Não era maltratada, perseguida nem desafiada. Pela sua idade e conduta, continuava a ser reconhecida por todos.

UMA NOVA VIDA

Após alguns anos, Íde já era aceita nos meios sociais e culturais da cidade.

E achou que chegara a hora de fazer uma proposta para o seu colega e chefe - e responsável por aquela instituição. Como a Medicina na cidade não era tão avançada quanto a de Alexandria e aquele centro onde trabalhava era, segundo o que vira até então, o mais promissor da cidade e região, pensou em melhorar e preparar novos discípulos interessados naquela atividade, para o bem e o futuro daquela população.

Íde expôs ao responsável as suas ideias e o fato de que dispunha de várias cópias de documentos e tratados médicos, que comprara antes de sair da Grécia — é evidente que ela não tivera coragem nem a ousadia de dizer que eram cópias penosamente feitas por ela mesma durante os seus longos anos de estudos e trabalho na Grande Biblioteca de Alexandria.

Para comprovar a veracidade do que dizia, ela trouxe cópias de estudos de Anatomia, só realizados na sua escola pregressa. O seu chefe, que já ouvira falar do grande avanço da Medicina do Egito e Grécia, mas nunca vira anteriormente um livro ou cópia que o comprovasse, ficou surpreso com a proposta e demonstração de Íde. Mas como a tinha visto atuar de forma diferente e mais avançada do que ele, ficou muito tentado em relação à proposta.

Ele pediu para ver mais cópias da Medicina que Íde dizia ter. E ela trouxe mais algumas — sobre traumas e medicamentos para dor e inflamação.

Começaram então, a conversar seriamente sobre a proposta de Íde. Como poderiam melhorar as instalações onde trabalhavam para poder receber mais pessoas desejosas de aprender e oferecer-lhes condições de estudos e treinamento?

E Íde foi-lhe repassando aos poucos tudo que aprendera e ouvira — na verdade, vira — sobre a Medicina da Grande Biblioteca de Alexandria.

A partir do momento em que Íde sentiu que o projeto teria seguimento e receberia apoio da sociedade e governo locais, ela fez uma sugestão mais ousada. Deveriam

estender o aprendizado de Medicina a homens e mulheres interessados em estudá-la para se tornarem Médicos e/ou auxiliares de Medicina

Após discussões e esclarecimentos e sendo ela própria a evidência viva de que mulheres seriam tão boas médicas quanto os homens — além de Tadmor ter uma sociedade mais aberta às mulheres, inclusive na política —, não houve como voltar atrás.

ESCOLA DE MEDICINA DE TADMOR

Mais alguns anos passados em planejamento e melhoria das condições físicas da edificação e já estavam prontos para receber jovens e médicos práticos — estes queriam aprofundar os seus conhecimentos e melhorar as suas técnicas de intervenção e tratamento.

Íde já ativamente, por algum tempo, passara a ensinar e treinar os próprios colegas interessados em fazer parte do quadro de mestres na nova escola.

Começaram as entrevistas para os possíveis novos candidatos. A intenção era receber de início, dez indivíduos e com o tempo e a evolução dos mesmos, estender a um número maior. E assim foi no primeiro ano de funcionamento da Escola de Medicina de Tadmor.

No segundo ano, chegaram numa caravana vinda do Leste, dois adolescentes candidatos a estudantes na Escola de Medicina — um do sexo feminino (Laleh) e o outro masculino (Baran). Vinham acompanhados de sua mãe e de seu pai — Zaira e Zal, respectivamente —, que apesar de mais novos que Íde, tinham uma aparência de mais velhos.

Íde/Amina logo que começou a indagá-los sobre a sua origem e antecedentes, reconheceu em Zal, o seu querido irmão, mas parecia que ele ainda estava ignorante sobre o reverso. Íde/Amina é claro, cobrira a parte de baixo do rosto — o que era um costume no atendimento a pacientes. E continuou a perguntar sobre a família de Zal: os pais já estavam bastante idosos; quem cuidava dos negócios da família eram os irmãos homens; as irmãs cuidavam da casa, dos idosos e dos filhos.

Íde/Amina entendia que aparentemente, quase nada mudara na casa da sua família. A não ser o fato do seu irmão Zal e a mulher trazerem dois filhos para a nova escola.

*(cidade de Palmira, na Síria)

Nota de rodapé: oitava parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA - partes publicadas mensalmente nesta revista.

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias — todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br


Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



ANNE FRANK

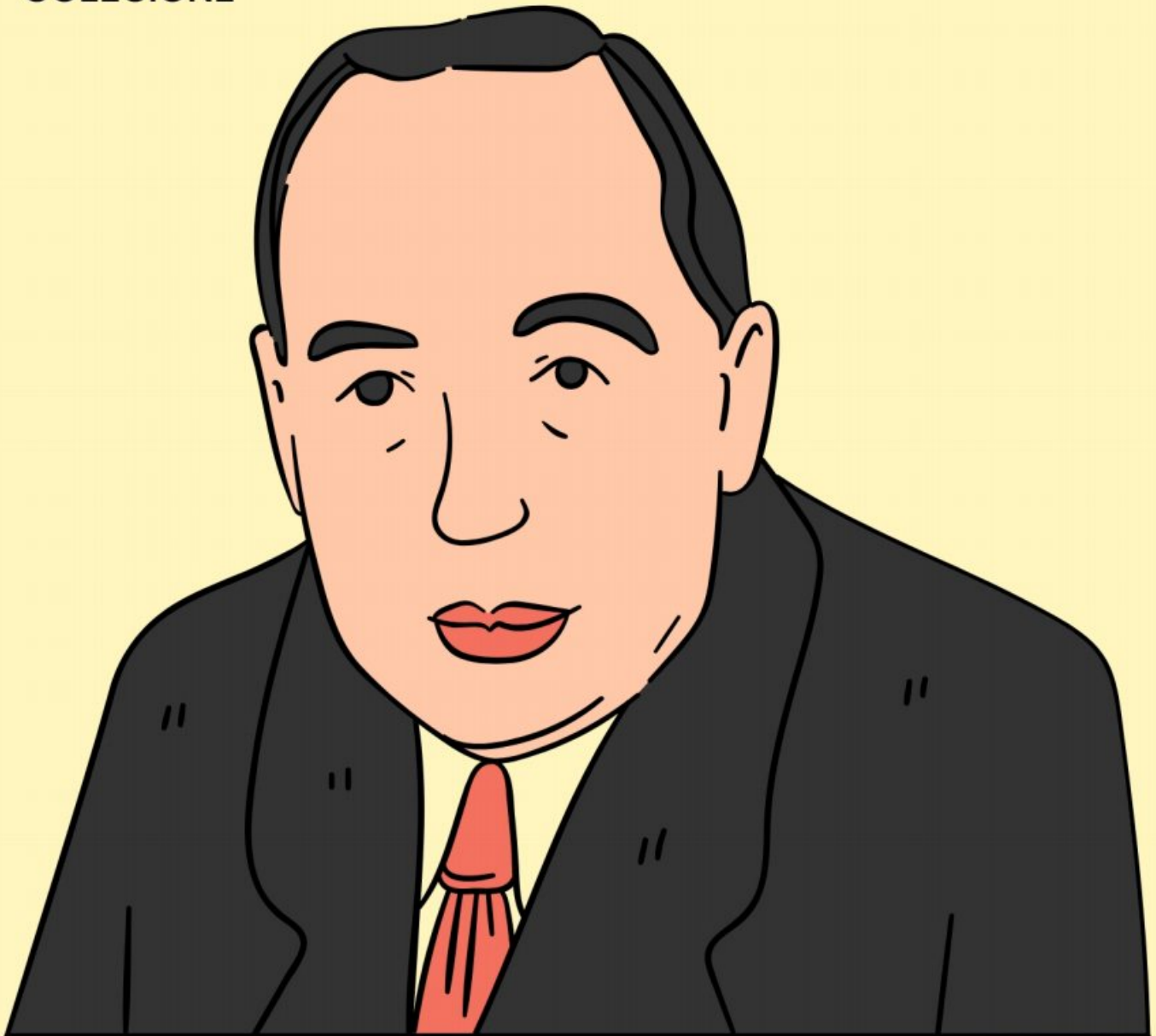
COLECCION



Anne Frank foi uma garota judia que viveu de 1929 a 1945. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela e sua família se esconderam em um anexo secreto em Amsterdã para escapar da perseguição nazista. Anne documentou suas experiências e pensamentos em seu diário, "The Diary of a Young Girl". Ele forneceu um relato em primeira mão do Holocausto e das lutas de viver escondida. Tragicamente, Anne e sua família foram descobertas e enviadas para campos de concentração, onde Anne morreu. Seu diário se tornou um símbolo de esperança.

C.S LEWIS

COLECIONE



C. S. Lewis foi um escritor britânico conhecido por seus livros como "As Crônicas de Nárnia". Ele nasceu em 1898 e morou na Inglaterra. Lewis era cristão e sua fé influenciou muito seus escritos. Suas histórias misturavam aventura, fantasia e lições de moral. Ele acreditava no poder da imaginação e incentivava os leitores a explorar mundos diferentes através dos livros. As obras de Lewis continuam a ser populares e a inspirar leitores de todas as idades.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+790 MIL +234 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.05.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd